



ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Iasmin Cardoso Rodrigues

**Jornalismo em Quadrinhos:
Entrevista sobre repercussões da
Covid19 em um âmbito pessoal**

São Paulo

2024

IASMIN CARDOSO RODRIGUES

**Jornalismo em Quadrinhos:
Entrevista sobre repercussões da
Covid19 em um âmbito pessoal**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para obtenção
de título de Bacharel em Jornalismo pela
Escola de Comunicação e Artes da
Universidade de São Paulo

ORIENTADOR: Professor Doutor Luciano
Guimarães

São Paulo

2024

IASMIN CARDOSO RODRIGUES

**Jornalismo em Quadrinhos:
Entrevista sobre repercussões da
Covid19 em um âmbito pessoal**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para obtenção
de título de Bacharel em Jornalismo pela
Escola de Comunicação e Artes da
Universidade de São Paulo

São Paulo, 31 janeiro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Atílio José Avancini
Universidade de São Pulo

Prof. Dr. Luciano Guimarães
Universidade de São Pulo

Prof. Dr. Wagner Souza e Silva
Universidade de São Pulo

À minha querida amiga Isabel que
me apoiou nos momentos mais
complicados e desafiadores.

RESUMO

A pandemia do COVID-19 foi um fenômeno em escala mundial que ainda tem repercussões nos dias atuais, três anos após o decreto do estado de pandemia em março de 2020. Este trabalho pretende explorar e ilustrar os eventos emocionais subjetivos que tal fenômeno causou e que se arrastam até hoje, com foco na faixa etária de jovens adultos que passaram pelo ensino médio ou faculdade no período. Tal ilustração será de uma entrevista retratada no formato de quadrinhos, com representações do que foi dito pelo entrevistado. A seleção da entrevista foi feita após uma sequência de entrevistas de pessoas dentro da faixa etária selecionada e atualmente estudantes da Universidade de São Paulo, mas de diferentes classes sociais e diferentes situações durante a pandemia. O assunto das entrevistas foi sobre como foi a vivência no período e na readaptação ao “normal”. A entrevista selecionada teve como base a melhor representatividade visual em conjunto com um relato mais narrativo mas que mostrasse as peculiaridades do momento vivido durante a pandemia do coronavírus.

PALAVRAS CHAVE: Coronavírus, Covid-19, Quadrinhos, Entrevista

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic was a worldwide phenomenon that still has repercussions today, three years after the state of pandemic was decreed in March 2020. This research aims to investigate and illustrate the subjective emotional events that this phenomenon caused and that continue to this day, focusing on the age group of young adults who went through high school or college during the period. This illustration will be of an interview represented in the comic format, with illustrations of what was said by the interviewee. The selection of the interview represented was made after a sequence of interviews with people within the selected age group and that are currently students at the University of São Paulo, but from different social classes and different situations during the pandemic. The subject of the interviews was about what the experience was like during the period and the readjustment to the “normal”. The selected interview was based on the best visual representation in conjunction with a more narrative report that showed the peculiarities of the moment experienced during the coronavirus pandemic.

KEYWORDS: CoronavIrus, Covid-19, Comics, Interview

SUMÁRIO

JUSTIFICATIVA	pg2
OBJETIVOS	pg3
CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	pg4
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	pg5
ENTREVISTA EM QUADRINHOS	pg6
BIBLIOGRAFIA	pg51

JUSTIFICATIVA

Em 2020, após o decreto do estado de pandemia do coronavírus pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a vida de praticamente todo mundo foi afetada, seja pelo isolamento social realizado para evitar o alastramento do contágio seja pela doença em si (tendo de lidar com ela na linha de frente e/ou perda de pessoas próximas). Após três anos do decreto, estudos foram realizados, mostrando que houve uma variação na qualidade da saúde mental, variações estas que são grande parte do interesse de estudo deste trabalho de conclusão de curso, mas de um ponto de vista mais subjetivo de quem viveu e sofreu o momento.

De acordo com uma revisão científica da OMS publicado em 2 de março de 2022, houve uma piora em vários aspectos da saúde mental em escala mundial em dois anos de pandemia e isolamento social, como ansiedade, depressão, ideação suicida, transtorno de estresse pós-traumático, dentre outros (WHO/OMS, 2022a).

Há inúmeras complexidades no diagnóstico e manejo dos transtornos mentais, conforme estabelecidas pela comunidade médica no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (American Psychiatric Association, 2014), o DSM-5, o que torna inviável um estudo único que abranja todas as condições citadas na revisão da OMS (WHO/OMS, 2022a). Tendo isso em vista, há de se limitar a abrangência da pesquisa a fim de que o produto final (entrevista em quadrinhos) tenha seu objeto mais delimitado sem perder de vista o aspecto da subjetividade. Isto é, embora alguns transtornos mentais sejam indicados no decorrer do projeto, a busca é por fatos subjetivos a fim de adicionar mais relatos sobre o momento histórico singular da Covid-19.

De acordo com a OMS (WHO, 2022b), em 2019, quase um bilhão de pessoas (número que inclui 14% dos adolescentes do mundo) viviam com um transtorno mental. Na revisão (WHO, 2022b, p. 40, FIG. 3.2) verificou a prevalência dos transtornos, sendo possível determinar dois como os mais comuns e presentes em 59,9% dos casos de desordem psíquica mundial: transtornos de ansiedade e transtornos depressivos.

Segundo a OMS (WHO/OMS, 2022a), a pandemia de Covid-19 desencadeou um aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo. Já o estudo One Year of Covid-19 (em português: Um ano de Covid-19) realizado pela Ipsos (Institut Public de Sondage d'Opinion Secteur ou em português Instituto de Pesquisa de Opinião do Setor Público) para o Fórum Econômico Mundial com 30 países, apontou que 53% das pessoas entrevistadas no Brasil acreditam que sua saúde mental mudou para pior desde o início da crise de Covid-19. O mesmo estudo (IPSOS, 2021) também buscou a ver a expectativa do retorno às atividades normais após a pandemia e 35% dos brasileiros acreditava que o retorno ao normal levaria mais de um ano ou que nunca voltaria ao normal. Ou seja, mesmo após o fim oficial do estado pandêmico não houve um retorno ao que era antes, além de trazer novos desafios vividos e sofridos na atualidade.

Nos apontamentos da revisão científica da OMS (WHO/OMS, 2022a), uma das principais causas para o aumento nos transtornos psíquicos é o estresse advindo do isolamento social (algo não registrado talvez desde o início do século anterior no Brasil) que se correlaciona com outros aspectos da vida do indivíduo afetados durante o lockdown ou das medidas de distanciamento social (capacidade de trabalhar e se sustentar, convívio com entes queridos, participação na comunidade, etc). Outro ponto indicado pela OMS (WHO, 2022b, p. 65) é a dificuldade de acesso aos recursos voltados ao tratamento da saúde mental que existia antes da pandemia e que se intensificou com o isolamento social.

No Brasil, 98,6% dos municípios adotaram medidas de distanciamento social frente à Covid-19, segundo dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A investigação mais minuciosa e o registro advindo de tal pesquisa entra no escopo do jornalismo como uma forma de estudar o momento único vivido durante a pandemia. Isso sob o ponto de vista mais subjetivo e dialogando com aspectos mais literários do jornalismo.

Ainda com os apontamentos da OMS (WHO/OMS, 2022a), os mais afetados psicologicamente foram os jovens adultos (em especial entre 20 e 24 anos) e mulheres. Profissionais da saúde estavam entre os mais impactados devido à exaustão e medo de contrair a Covid-19. Considerando essas faixas mais afetadas, na realização deste estudo optou-se por dar preferência apenas à faixa etária mais atingida. Isso tanto por razões de proximidade para a realização das entrevistas quanto por interesse pessoal de ver como foi afetada a saúde mental de jovens que ou concluíram o ensino médio durante a pandemia ou ingressaram na universidade no período.

Como jornalista, a pandemia e o pós-pandemia são momentos que devem ser registrados como forma de mostrar um fenômeno da atualidade. O registro no formato mais artístico dos quadrinhos pode trazer características mais emotivas que outros meios talvez não consigam captar tão bem, além de dialogar com outras formas de relatos da mesma época, contribuindo para uma visão mais panorâmica do que aconteceu em um nível pessoal e de saúde pública mental.

OBJETIVOS

GERAL: Registrar e ilustrar através de Jornalismo em Quadrinhos no formato de entrevista como a pandemia do Covid-19 e o isolamento social afetou e ainda afeta a vida das pessoas na faixa etária dos 18 aos 24 anos atualmente.

ESPECÍFICOS:

1. Entrevistar pessoas atualmente na faixa etária dos 18 aos 24 anos de diversas situações sociais sobre a vivência delas no evento da Covid-19 e no retorno às atividades normais após o decreto do fim da emergência.
2. Entender quais foram os aspectos que mais afetaram e afetam as pessoas em um campo mais subjetivo.
3. Compreender os impactos que ainda repercutem hoje em dia e seus possíveis motivos.
4. Com base em uma das entrevistas realizadas, criar um registro de tal entrevista no formato de quadrinhos, mostrando os impactos da pandemia de modo pessoal e subjetivo

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (WHO/OMS, 2022c, traduzido), a saúde mental pode ser definida como um estado de bem-estar psíquico que permite ao indivíduo lidar com o estresse da vida, realizar suas habilidades, estudar e trabalhar bem, além de contribuir para sua comunidade. Alterações nesse estado são o que se pode classificar como os transtornos mentais, que pode levar o tratamento para o campo da medicina e da psicologia.

De acordo com a maior revisão mundial sobre saúde mental desde a virada do século da OMS (WHO, 2022b, p. 11, FIG. 2.1) a importância da saúde mental se dá por afetar a vida em seus mais diversos e fundamentais aspectos. Algumas das indicações do estudo são a capacidade de executar funções básicas e saudáveis para sobrevivência, conectar-se com outros indivíduos, manejar fatores estressantes e emoções negativas, e se desenvolver como pessoa ou em sociedade.

Estimativas epistemológicas do estudo (WHO, 2022b, p. 39) indicam que, em 2019 (pré-pandemia), aproximadamente 970 milhões de pessoas apresentavam alguma comorbidade psíquica, isto é, cerca de 13% da população global, com 82% desse total em países em desenvolvimento (como é o caso do Brasil). Entre os anos 2000 e 2019, houve um aumento de 25% no número de pessoas com distúrbios mentais. Entretanto, a taxa de crescimento populacional foi a mesma nesse período de 20 anos, logo, a porcentagem permanece na casa dos 13%.

São os transtornos psíquicos marcados pelo estudo (WHO, 2022b, p. 40, FIG. 3.2) e suas porcentagem: transtornos de ansiedade (31%), transtornos depressivos (28,9%), transtornos de desenvolvimento (11,1%), transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (8,8%), transtorno bipolar (4,1%), transtornos de personalidade (4,1%), transtorno do espectro autista (2,9%), esquizofrenia (2,5%), transtornos alimentares (1,4%). Conforme indicado anteriormente, os transtornos de ansiedade e depressivo constituem a maioria dos casos globalmente, mesmo antes do início da pandemia.

Isso torna os achados da revisão científica da OMS (WHO/OMS, 2022a) do aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão na população global em apenas dois anos, algo alarmante. Apesar da revisão da OMS (WHO/OMS, 2022a) ter encontrado indícios de aumento em outros transtornos que não os depressivos ou de ansiedade, não houve escopo o suficiente para que os resultados da pesquisa fossem confiáveis.

Nas definições diagnósticas do DSM-5 (APA, 2014, p.155), a característica comum a todos os transtornos depressivos é o humor triste, vazio ou irritável, acompanhado de alterações somáticas (isto é, sintomas físicos), e cognitivos que afetam significativamente a capacidade de funcionamento do indivíduo. Há diferenciação entre os vários tipos de transtornos deste ramo da psiquiatria, mas é importante listar que a única variação de humor depressivo que não se enquadra aqui é o quadro depressivo advindo do transtorno bipolar/mania pois este está relacionado com outro quadro sintomático com características próprias.

Já os transtornos de ansiedade (APA, 2014, p. 199) são aqueles que compartilham características com respostas naturais de medo e ansiedade adaptativos, mas que se tornam um problema para o indivíduo por persistirem fora dos períodos apropriados ao nível de desenvolvimento etário ou desproporcional ao estímulo externo. Para o DSM-5 “medo é a resposta emocional a ameaça iminente real ou percebida, enquanto ansiedade é a antecipação de ameaça futura” podendo haver sobreposição dos dois. Como citado acima, o transtorno se dá quando há uma perpetuação ou resposta em momento indevido do medo e/ou ansiedade.

No entanto, o próprio DSM-5 (APA, 2014, p. 21) alerta que cada caso deve ser avaliado de forma criteriosa e que a história clínica deve incluir “um resumo conciso dos fatores sociais, psicológicos e biológicos que podem ter contribuído para o desenvolvimento determinado transtorno mental”. O manual afirma que apenas a listagem de sintomas não é suficiente, o que torna a abordagem multidisciplinar ideal para tratamento de qualquer transtorno mental.

Sobre o aumento geral nos casos de distúrbios psíquicos, a OMS (WHO, 2022b, p. 39) afirma que antes da pandemia isso advinha da dificuldade do acesso aos serviços de saúde mental como o acompanhamento psicológico com profissional ou atendimento psiquiátrico. A lista dos motivos contém três itens: pouca disponibilidade, baixo nível de conhecimento sobre saúde mental, e estigma que ainda existe sobre o tratamento.

As emergências de saúde pública segundo a OMS (WHO, 2022b, p. 26) podem ter impactos profundos e duradouros na saúde mental das pessoas, tanto exacerbando condições pré-existentes quanto induzindo novas questões. Eles também podem afetar a infraestrutura da comunidade, interrompendo serviços e suprimentos básicos e dificultando o fornecimento de cuidados formais de saúde mental às pessoas afetadas. A pandemia de Covid-19 é o exemplo global mais proeminente e impactou de forma severa a saúde mental das pessoas em todo o mundo. Há obviamente outros fatores que afetam a saúde mental de forma geral, mas o intuito da pesquisa e da entrevista em quadrinhos gira em torno das questões vindas do momento histórico da pandemia, portanto talvez não esteja no escopo.

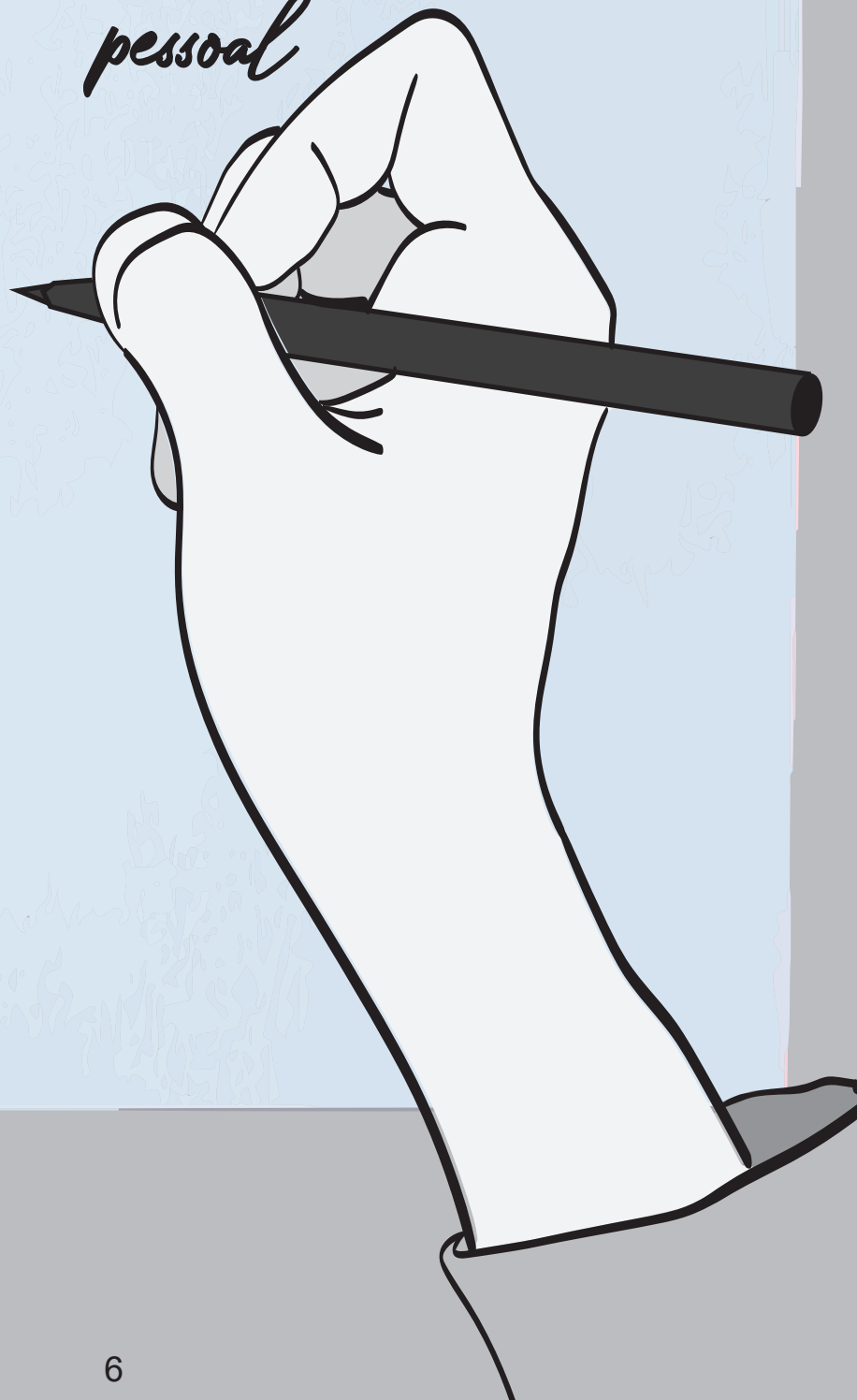
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O processo metodológico para a realização deste estudo e subsequente entrevista em quadrinhos passa pela realização de entrevistas minuciosas e elaboradas a fim de levantar fatos subjetivos de como os entrevistados foram afetados no decorrer da pandemia e no depois. Como a reportagem busca ver o aspecto mais subjetivo de como foi a vivência e desenvolvimento da saúde mental no momento histórico indicado, o objetivo dessas entrevistas é justamente tentar abordar esse campo emocional.

Foram entrevistados um total de quatro indivíduos da faixa etária dos 18 aos 24 anos e atualmente estudantes da Universidade de São Paulo (USP). Foram entrevistas sobre o tema da covid, incluindo como foi o enfrentamento da situação em 2020, efeitos emocionais na rotina e na família, além do que perdurou para além de 2020/2021 ou que perdura até hoje. Isso para buscar pontos de vista diferentes sobre os eventos, além de relatos pessoais que se integrassem bem com o formato escolhido.

Dentre essas entrevistas, uma foi selecionada para o formato de quadrinhos. A escolha foi devido à qualidade visual que o que foi falado poderia ter. Isto é, de acordo com o que o entrevistado falou, o que ficaria melhor dentro do formato, considerando elementos de narrativa e de representação visual (metáforas visuais usadas, temas recorrentes, descrições relevantes, etc).

Jornalismo em Quadrinhos:
Entrevista sobre repercussões da
Covid19 em um âmbito
pessoal



INTRODUÇÃO

Em 11 de março de 2020, foi decretada a pandemia do Coronavírus ou covid-19 pela Organização Mundial da Saúde. Antes mesmo disso, já em dezembro de 2019, já havia notícias e alarmes vindos da China sobre a propagação do vírus, além de alertas em outros países sobre a doença. Foi só em 26 de fevereiro que o primeiro caso de contaminação pela covid foi confirmado no Brasil, com a maior parte dos decretos de lockdown acontecendo cerca de 20 dias depois.

O que se seguiu foi a incerteza sobre o que seria feito (incluindo se haveria ou não lockdown oficial e quanto tempo duraria), a ansiedade sobre a contaminação pelo vírus e as consequências da doença (advindas tanto de possíveis internações prolongadas, falta de leitos para internação, ou sequelas do próprio covid-19). Além dessas inseguranças, muitos ainda se encontraram em situação precária financeiramente ou até com riscos de ficar sem moradia, uma vez que muitas empresas fecharam durante a pandemia (cerca de 1,3 milhões de empresas fecharam as portas só em junho de 2020 enquanto 2,7 milhões que ainda se encontravam abertas reportavam dificuldades por causa das medidas para combater a covid segundo uma pesquisa daquele ano da Pulso Empresa). Todos estes são fatores de estresse que afetaram a todos que passaram por este período, talvez até aqueles que ignoraram os riscos ou que negaram a pandemia.

Não é à toa que houve também um aumento de casos de uma outra crise já existente no mundo antes da chegada da pandemia: a crise de saúde mental.

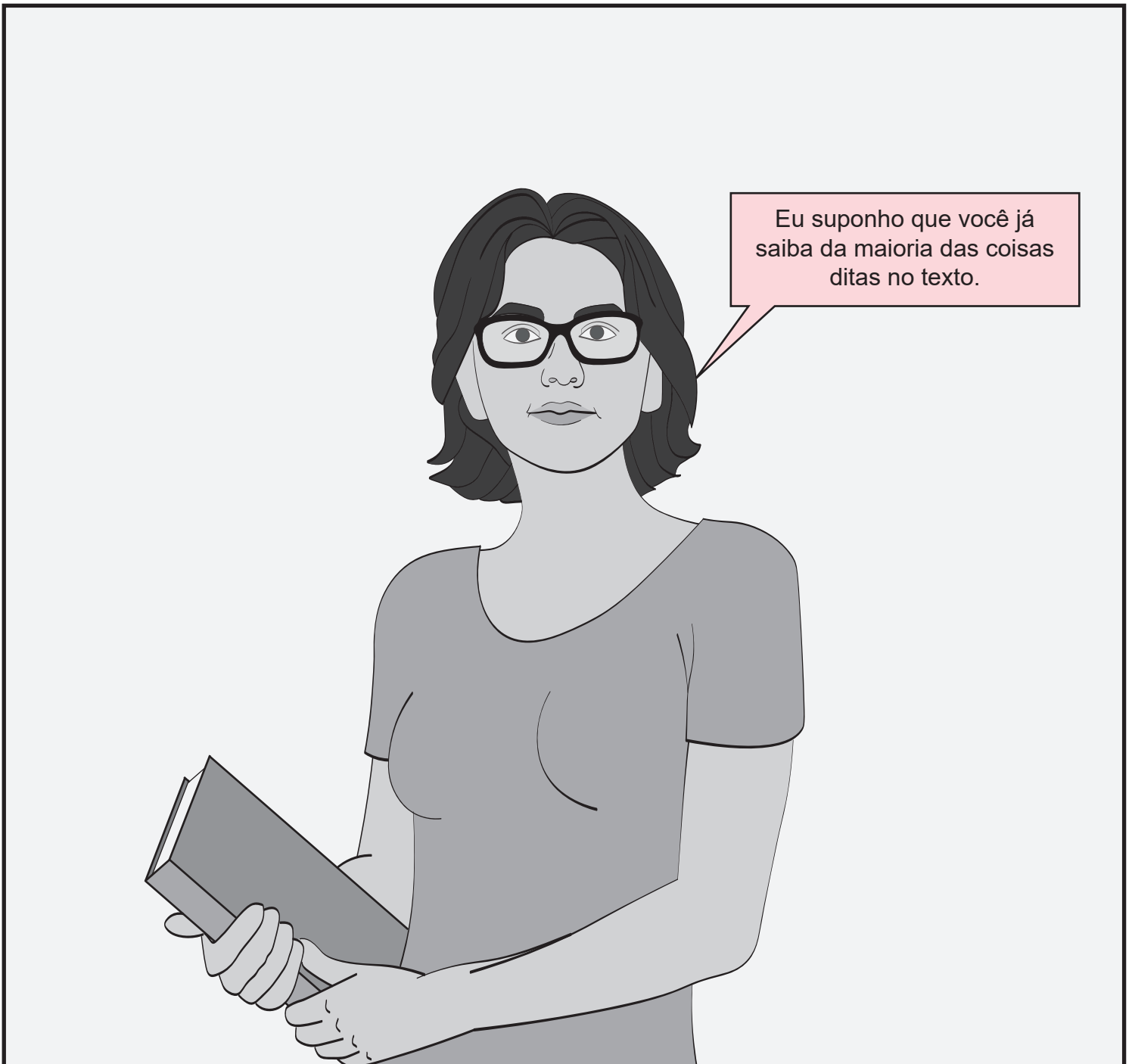
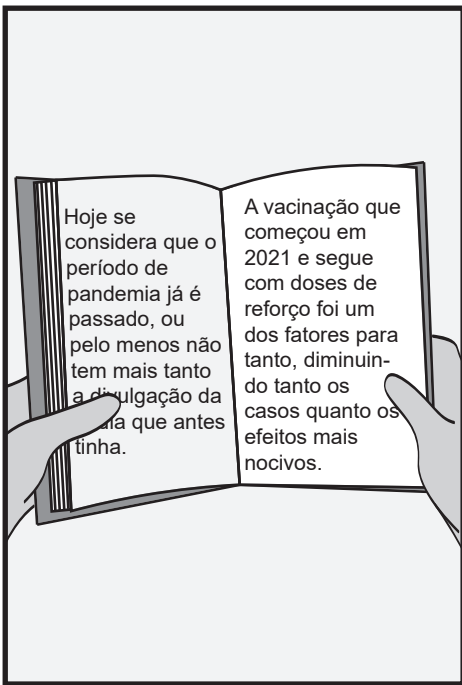
De acordo com a Organização Mundial da Saúde, em 2019, quase um bilhão de pessoas no mundo todo sofriam de algum tipo de transtorno mental, os mais comuns sendo ansiedade e depressão. É um número absoluto e que sofreu um aumento ainda maior com a pandemia e o isolamento.

Ainda de acordo com a OMS, em um relatório de 2022, houve um aumento de cerca de 25% dos casos de ansiedade e depressão, sendo a faixa etária mais afetada a dos jovens adultos entre 20 e 24 anos. Para se ter ideia da magnitude desse crescimento, estimativas da própria OMS indicam que entre os anos 2000 e 2019 aumentaram em 25% os casos de pessoas com distúrbios mentais no mundo. Ou seja, em menos de três anos, houve o mesmo aumento de casos que existiu em vinte.

Embora existissem outros fatores que continuaram a repercutir na saúde mental no período inicial da crise do coronavírus (como a insegurança financeira causada por crises econômicas ou situações de guerra ou crises humanitárias), os números levantados por essas pesquisas apontam a forma intensa como a pandemia afetou as pessoas. Isso devido à magnitude do crescimento dos números de caso, um crescimento equivalente ao de duas décadas em apenas 2 anos.

Em um contexto mais nacional, uma pesquisa de 2021 do IPSOS (empresa de origem francesa especializada em pesquisas de mercado e opinião pública) para o Fórum Econômico Mundial apontou que 53% dos entrevistados brasileiros afirmaram que sua saúde mental piorou desde o início da pandemia. Além disso, nessa mesma pesquisa, 35% dos entrevistados não acreditava que o retorno às atividades normais era possível ou que levaria mais de um ano para acontecer.

Hoje se considera que o período de pandemia já é passado, ou pelo menos não tem mais tanto a divulgação da mídia que antes tinha. A vacinação que começou em 2021 e segue com doses de reforço foi um dos fatores para tanto, diminuindo tanto os casos quanto os efeitos mais nocivos.



Quer dizer, talvez não os dados numéricos. Lembrar de porcentagens corretas costuma ser raridade quando não se trata da sua área de expertise.



Mas enfim, tudo o que foi falado até agora, são só números e porcentagens.

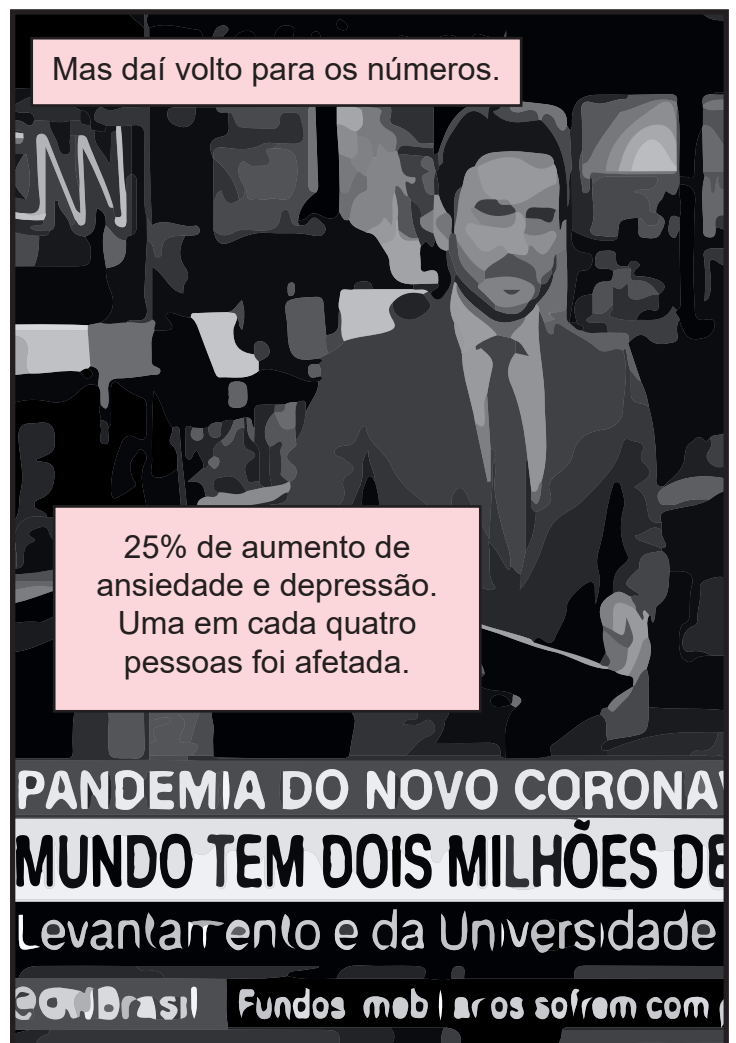
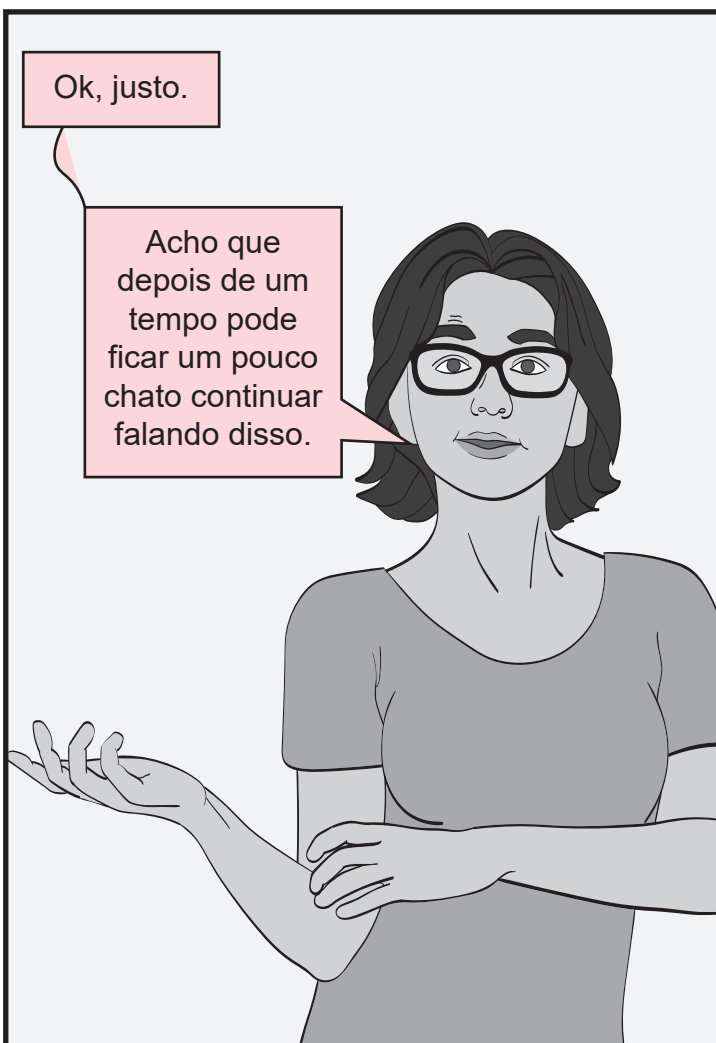
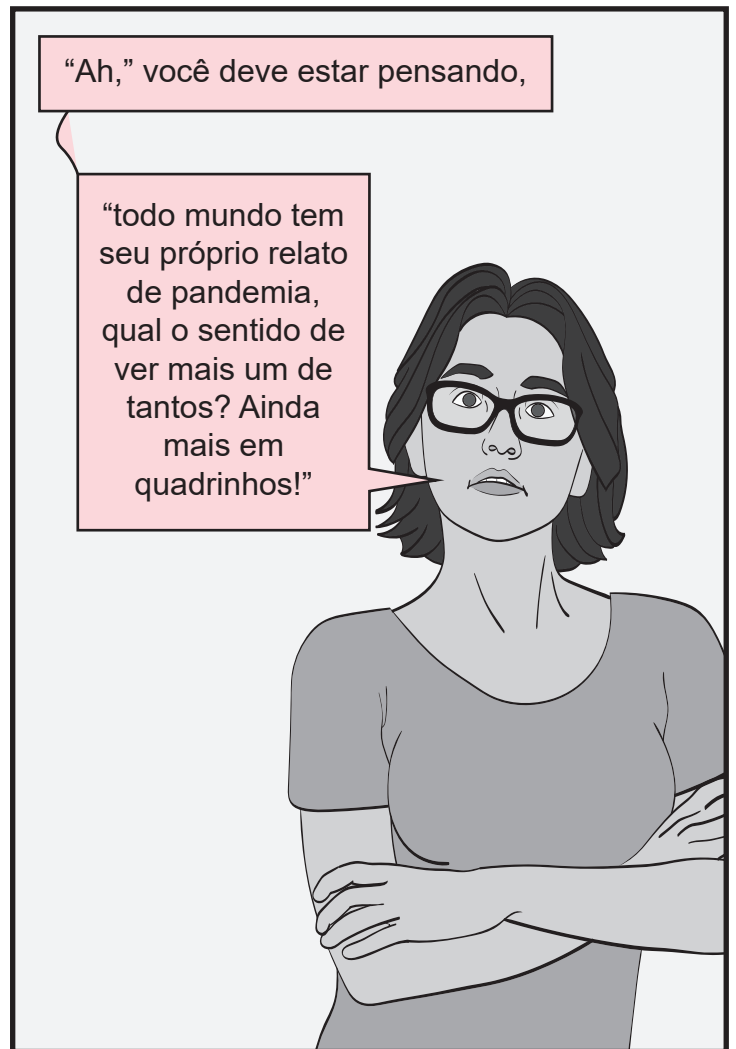
Algumas conclusões podem ser, e foram, tomadas, mas ainda se trata de uma apresentação clínica, fria e numérica.

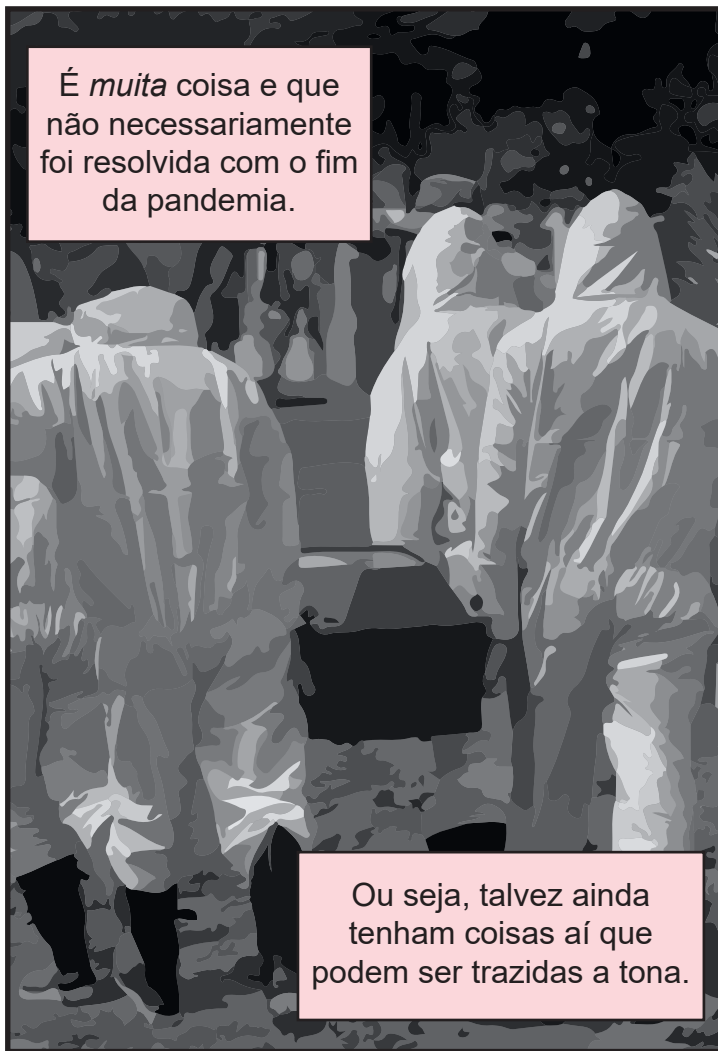


Não que isso seja de todo ruim, sendo uma forma de entender a situação de um ponto de vista objetivo característico da ciência e da pesquisa.

São dados bons se você quiser moldar ou sugerir políticas públicas ou ações na comunidade para ajudar o próximo.

#VacinaJá



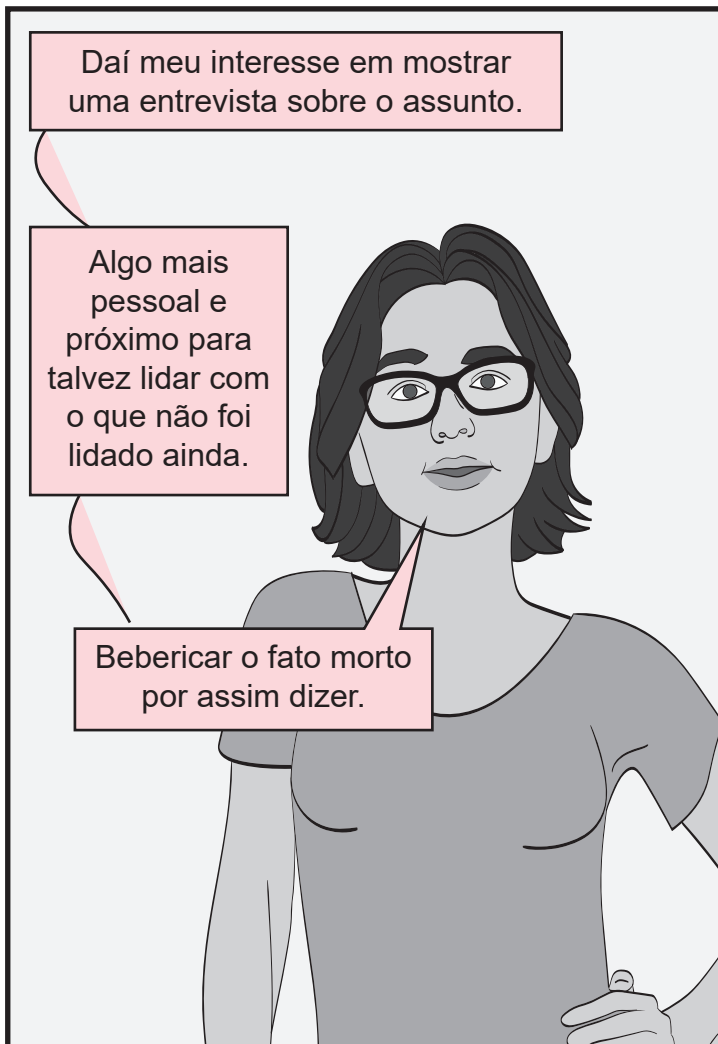


É *muita* coisa e que não necessariamente foi resolvida com o fim da pandemia.

Ou seja, talvez ainda tenham coisas aí que podem ser trazidas a tona.



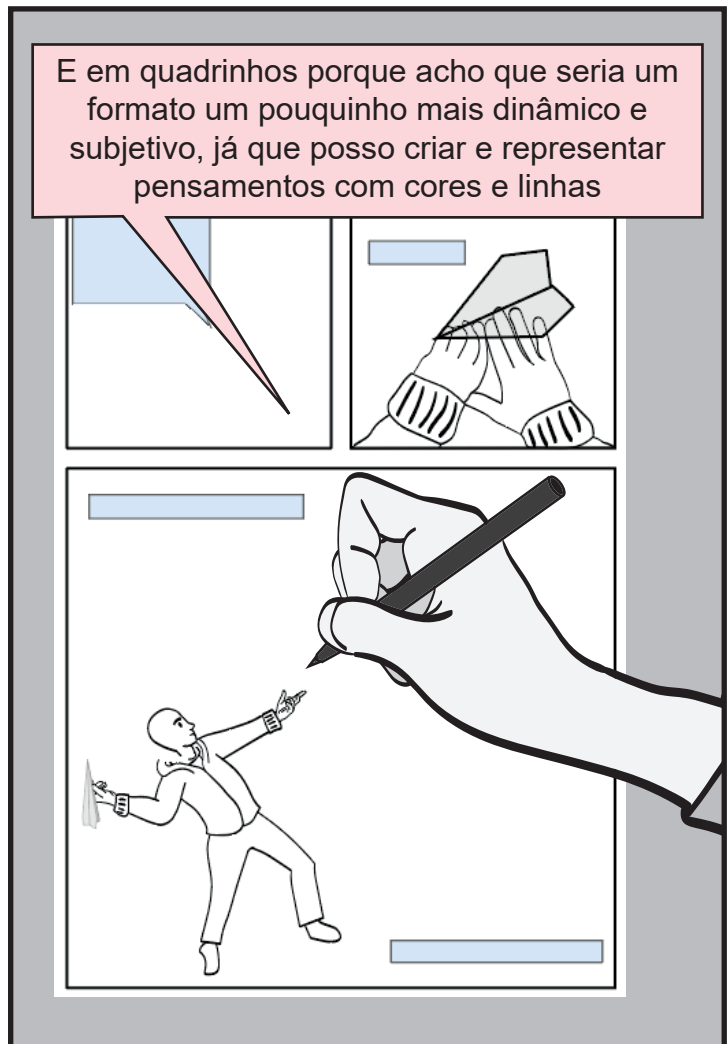
Talvez ainda seja interessante falar disso.



Daí meu interesse em mostrar uma entrevista sobre o assunto.

Algo mais pessoal e próximo para talvez lidar com o que não foi lidado ainda.

Bebericar o fato morto por assim dizer.

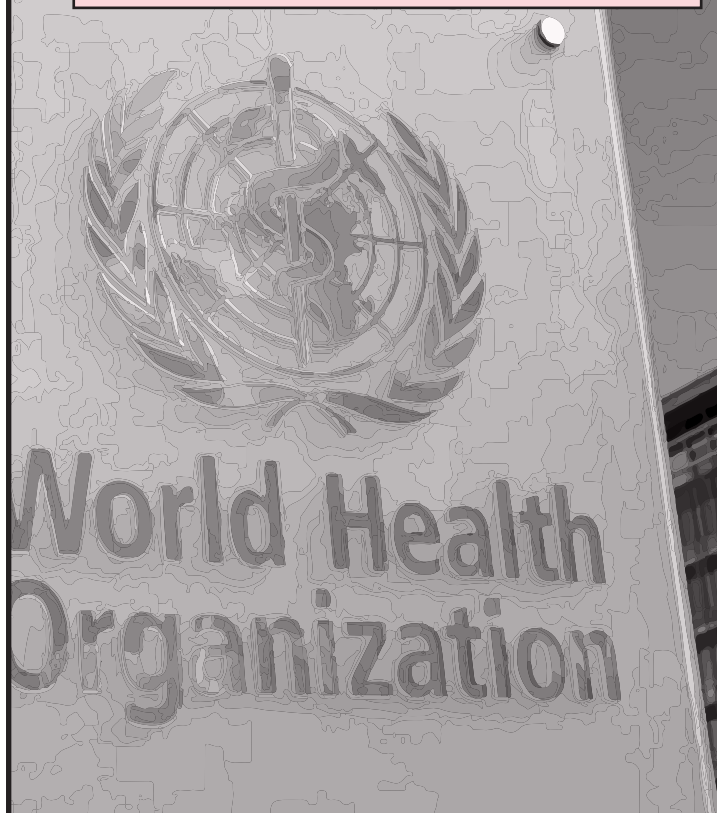


E em quadrinhos porque acho que seria um formato um pouquinho mais dinâmico e subjetivo, já que posso criar e representar pensamentos com cores e linhas

Pois bem, vou voltar uma última vez aos números já citados para explicar um pouco a escolha da entrevista.



Incluídos no quase um bilhão de pessoas com transtornos mentais, estimado pela OMS, estão adolescentes e jovens adultos, entre 18 e 24 anos.

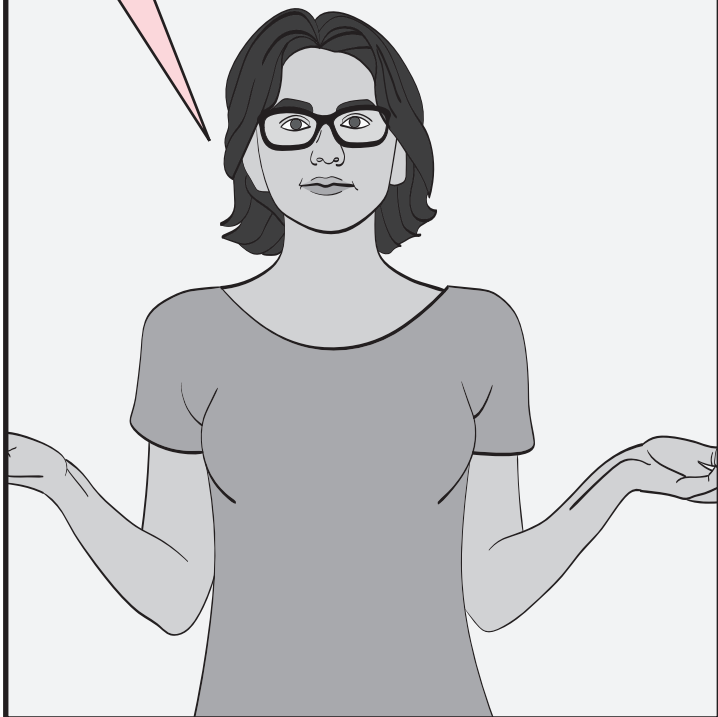


São pessoas passando por uma fase da vida de mudanças, o fim da infância e entrada na vida adulta.



E essa entrada acontece ou pelo ingresso em uma universidade, ou pela inserção no mundo do trabalho, ou talvez apenas pela chegada da maioridade.

Existe uma certa fragilidade na passagem de um ciclo de vida para o outro e que, considerando que a USP em muitos casos está nesse lugar comum, a escolha por um estudante universitário me parece lógica.

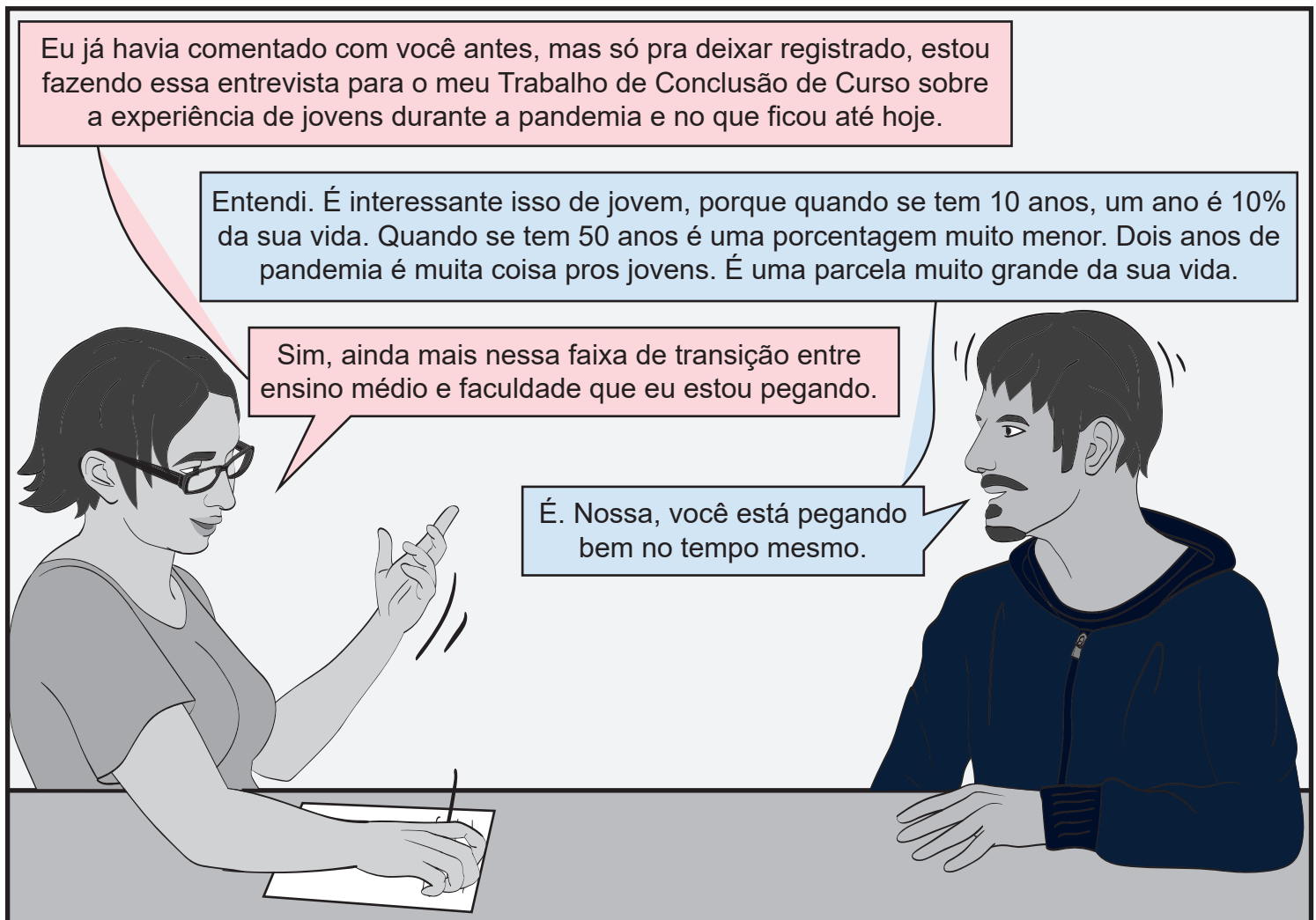


Não é um caso universal até porque isso nem deve existir.



Mas é uma história de muitas para entender o que foi a pandemia de um ponto subjetivo e o que ainda pode estar sendo carregado dela.





Voltando para a sua situação, onde você passou a pandemia?



Grande parte do tempo eu passei em casa mesmo, aqui em São Paulo.



A minha avó tem uma casa de campo em Ibiúna, então eu passei uma parte lá, mas nada mais que umas semanas.

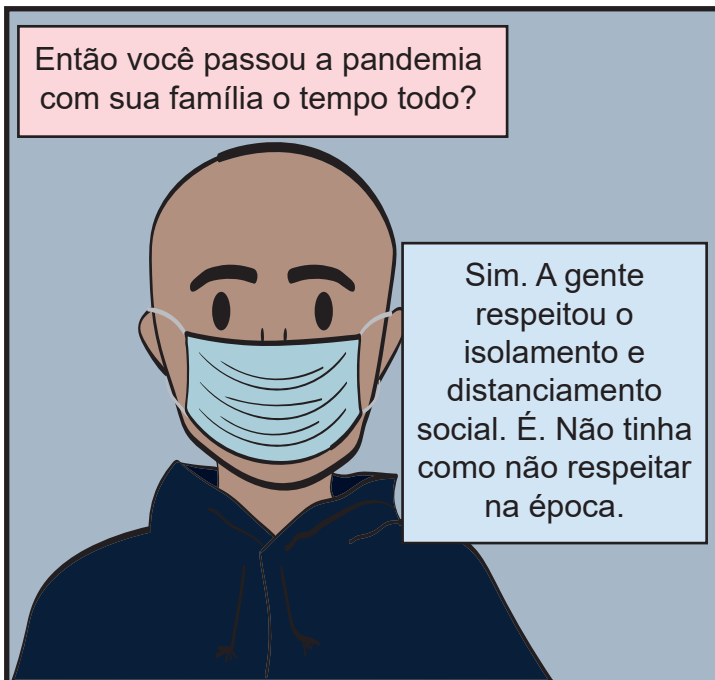
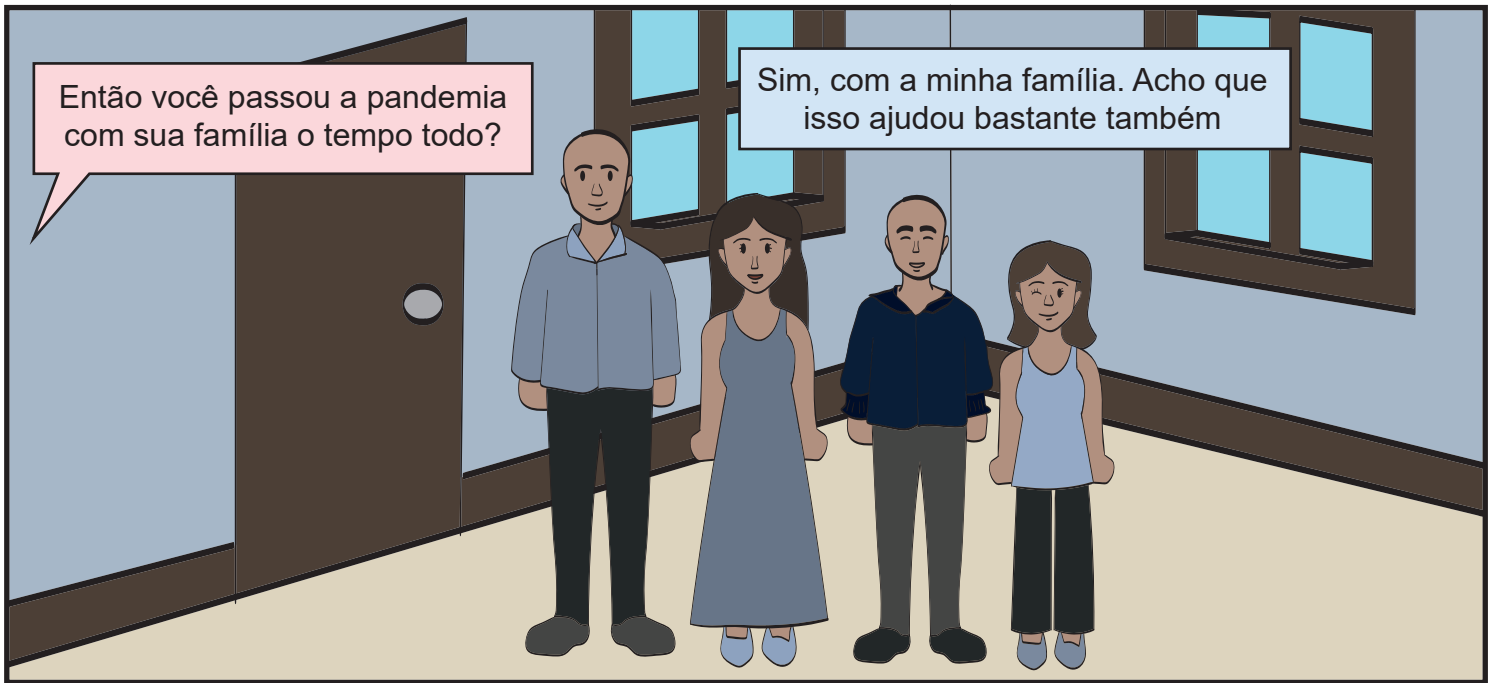


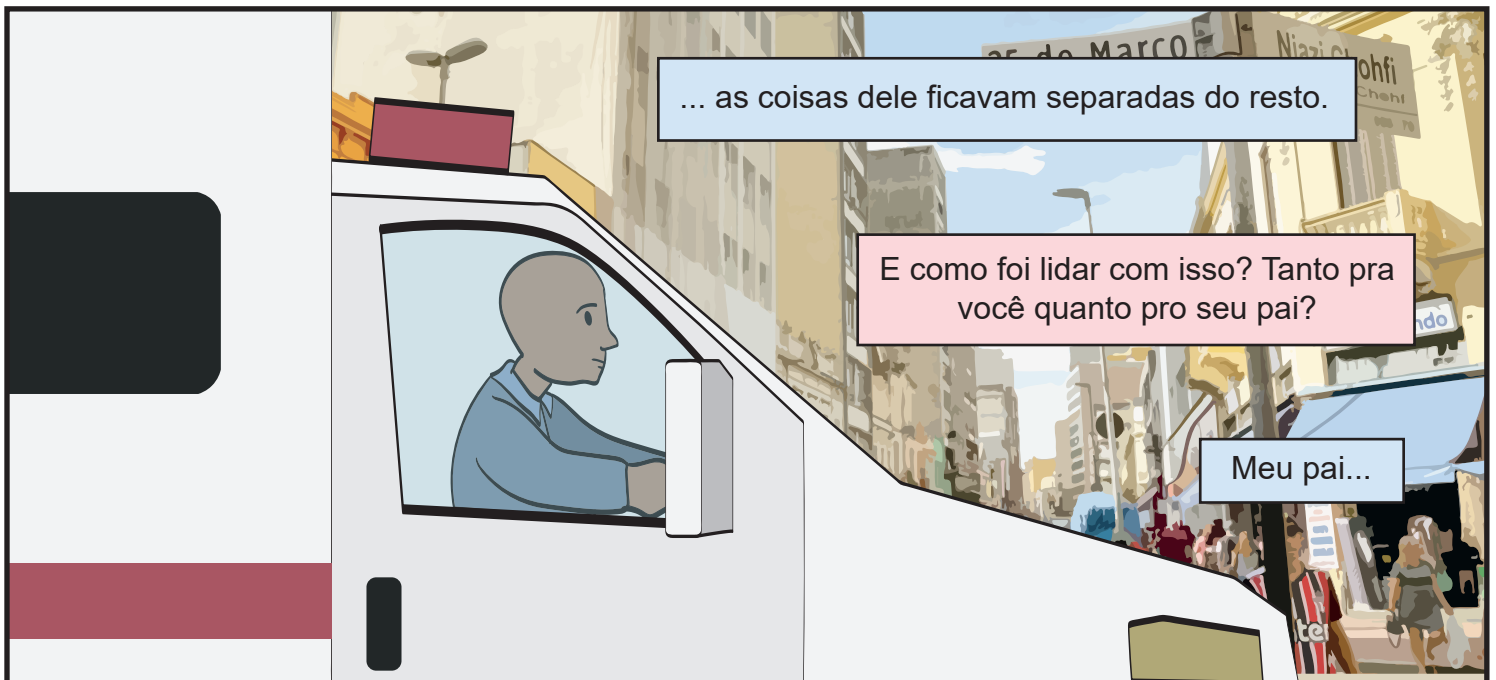
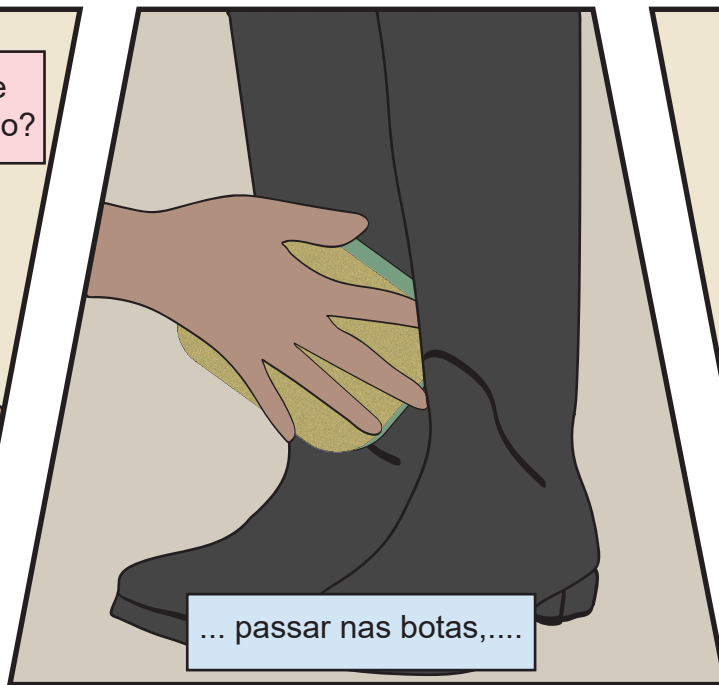
Porque meu pai teve de continuar trabalhando de qualquer forma.



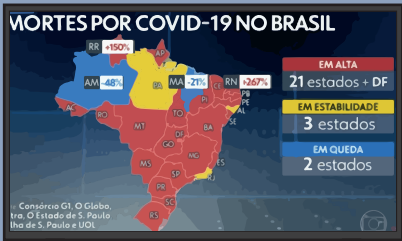
No SAMU



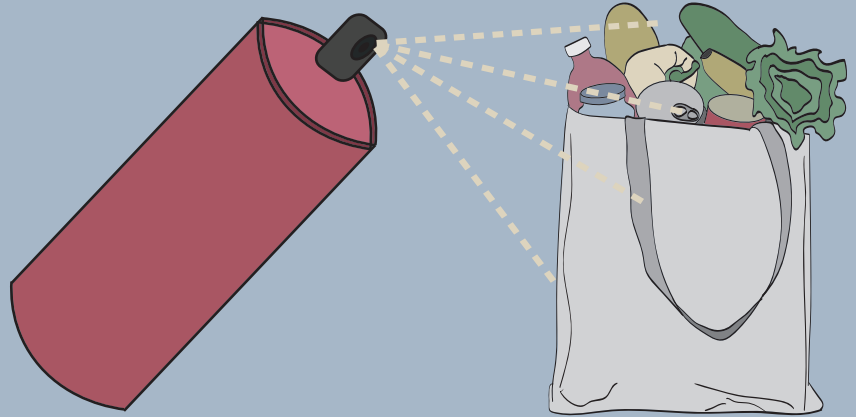




Eu, especialmente, ficava ouvindo muito as notícias e cada hora surgia uma coisa nova de como você podia lidar com a pandemia.



Isso no comecinho mesmo, quando não tinha muita pesquisa sobre o vírus. Era aquela coisa de desinfetar as compras, sabe? Com sprayzinho de álcool. Quando se achava que o vírus podia pegar por contato com superfície.



Então a gente ficava bem preocupado por ele.



Porque toda vez que ele voltava, ele dizia:

Hoje eu peguei tantos casos de covid

Ah, ontem eu peguei tantos casos



E dava para ver mesmo as tendências dos casos subindo pelo número de casos que ele pegava por noite de covid.

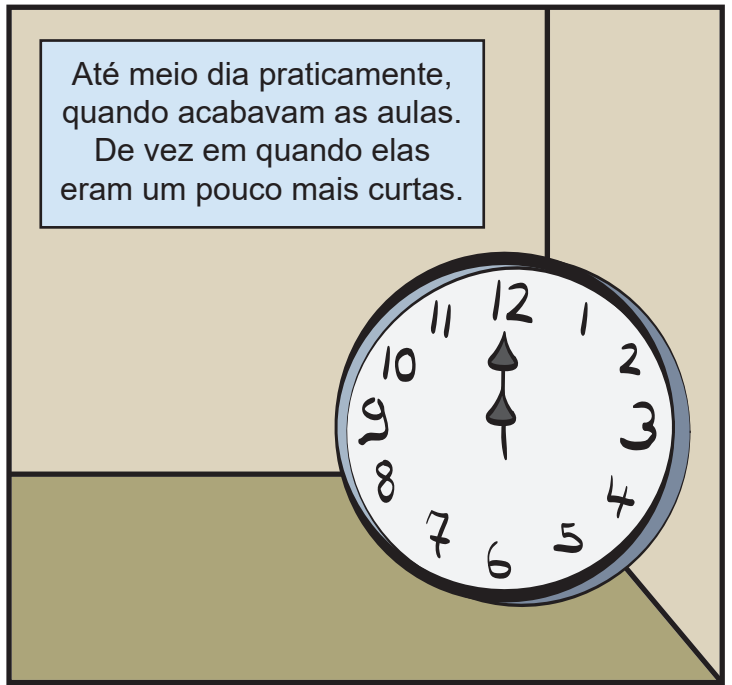


Ele trabalhava à noite ainda por cima.

Trabalhava a noite.







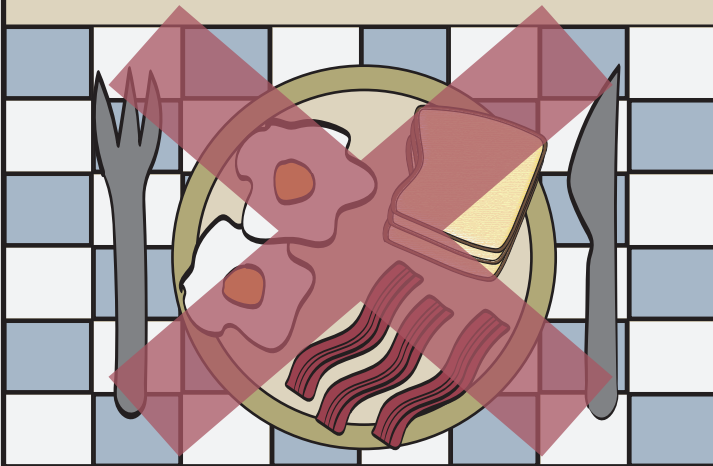
Depois de sair da cama eu fazia as coisas básicas que eu deveria ter feito quando acordava.



Tomar banho, escovar os dentes, essas coisas.



Não tomava café da manhã nunca. Não tomei café da manhã nem uma vez em toda pandemia...



Até hoje. Eu parei de tomar café da manhã depois... Nunca mais tomei. Eu perdi esse hábito.



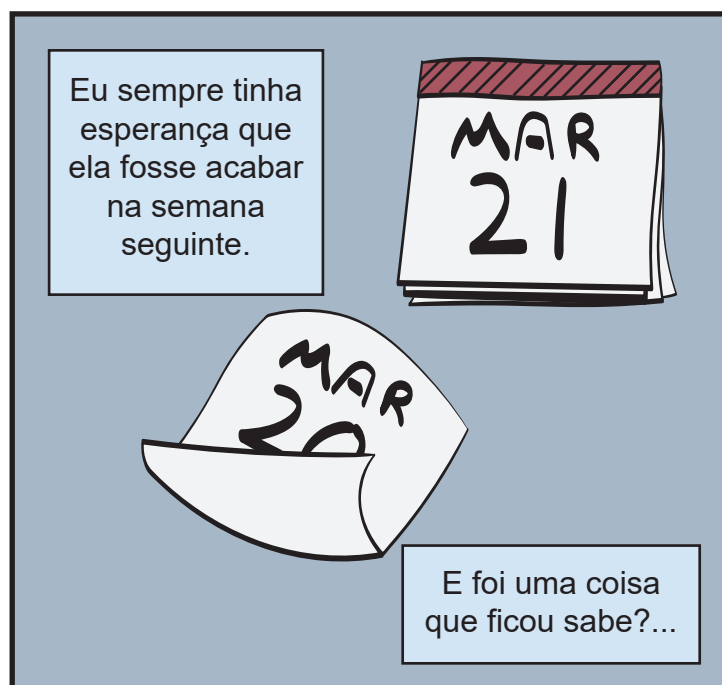
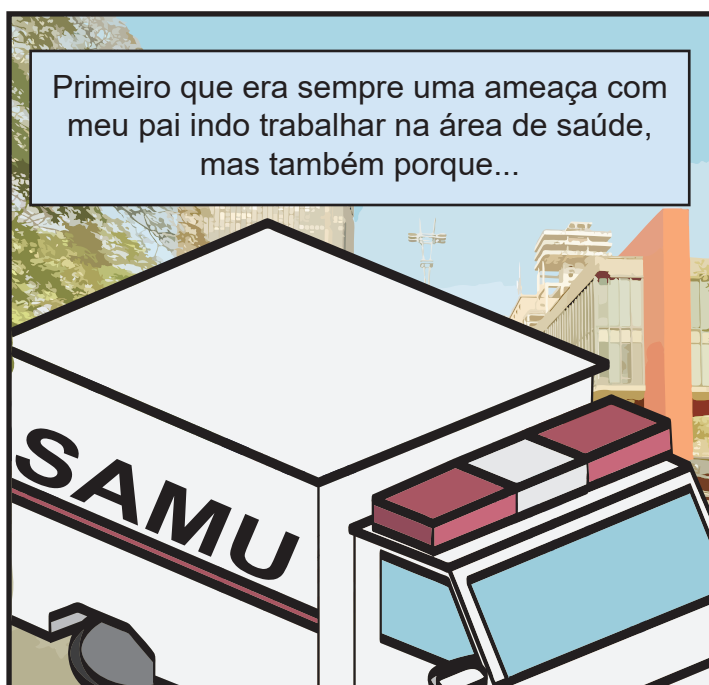
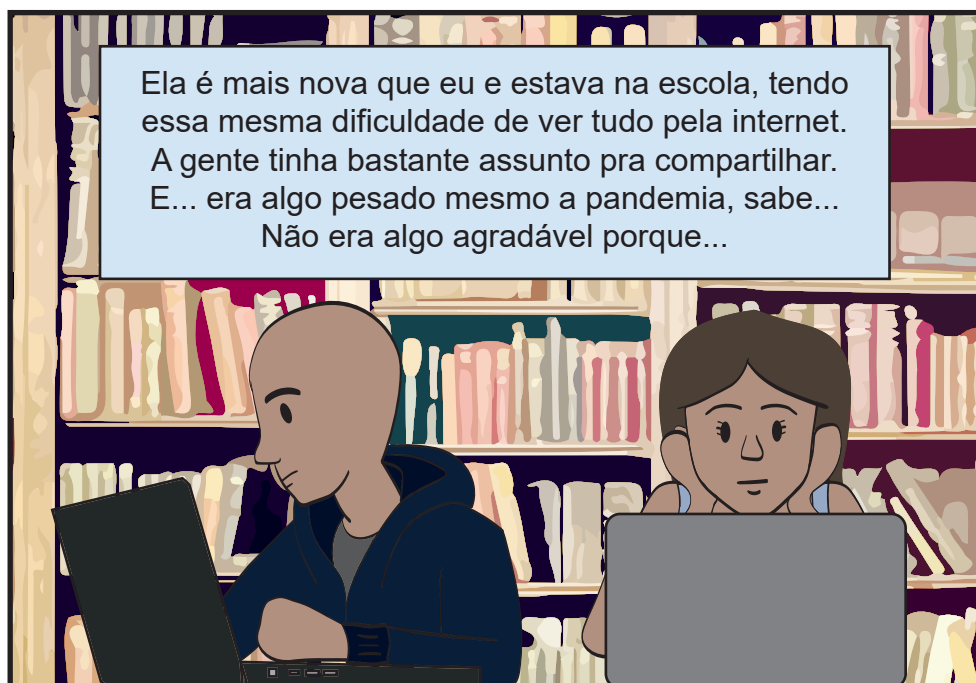
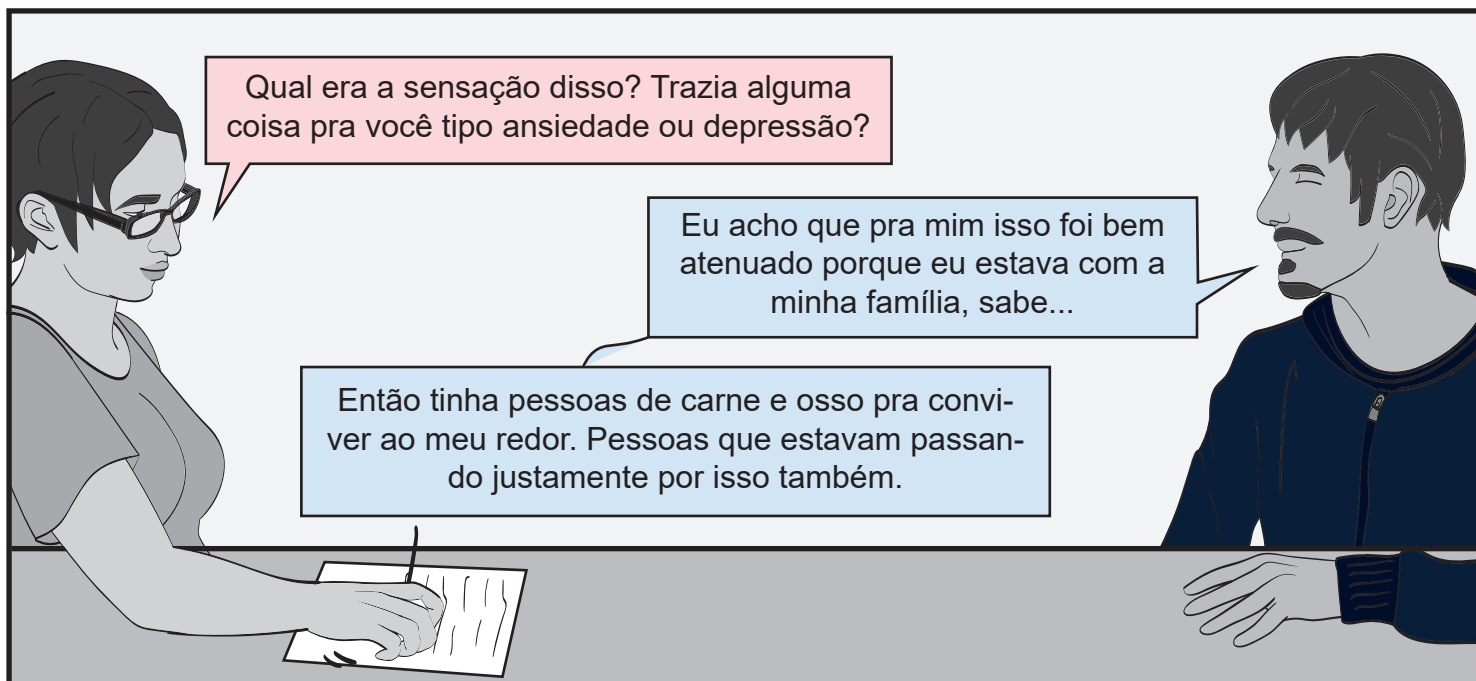
É. Porque eu acordava e ficava na cama, sabe?



Eu acordava e ficava na cama...



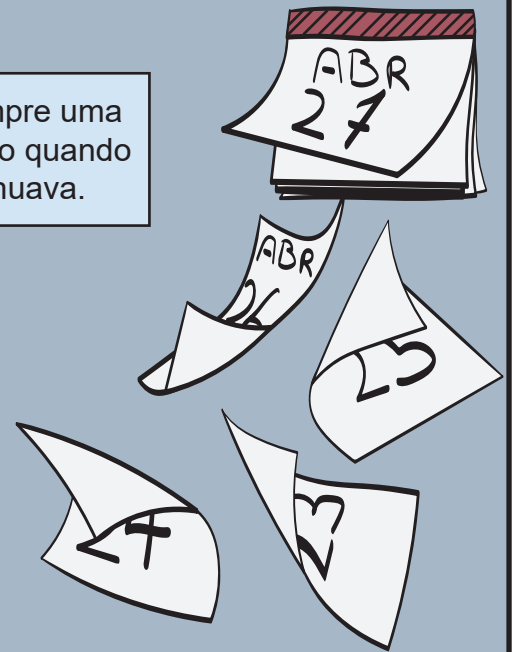
Eu já estava no lugar que eu tinha de ir.



Eu pensava “não, só essa semana, e a próxima vai”.



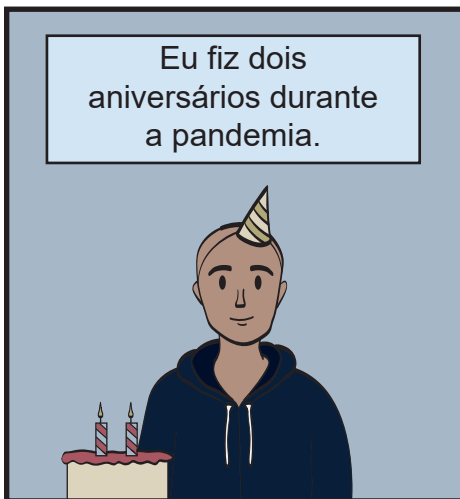
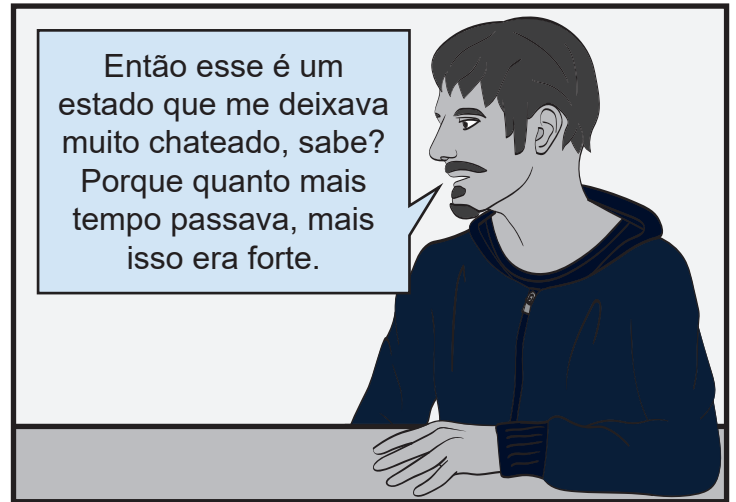
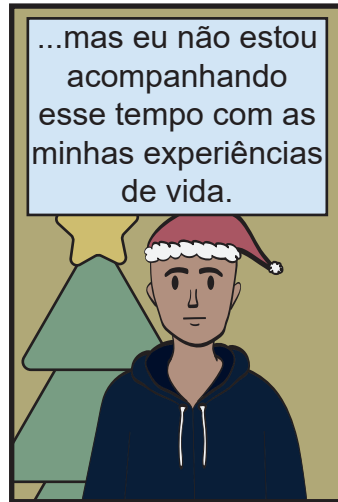
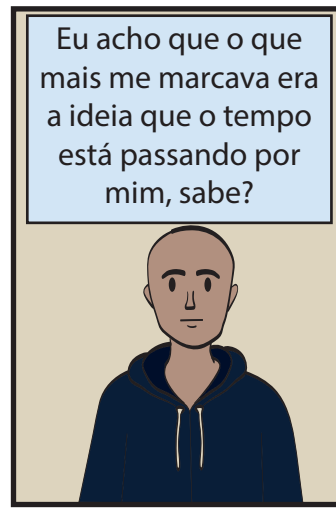
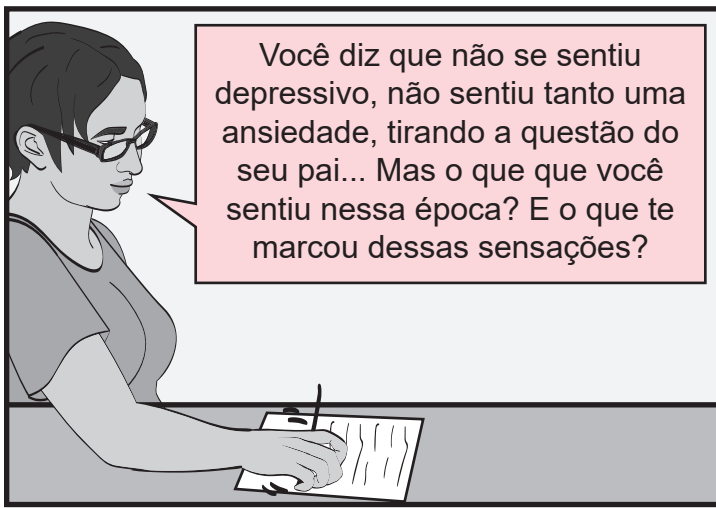
Era sempre uma decepção quando continuava.



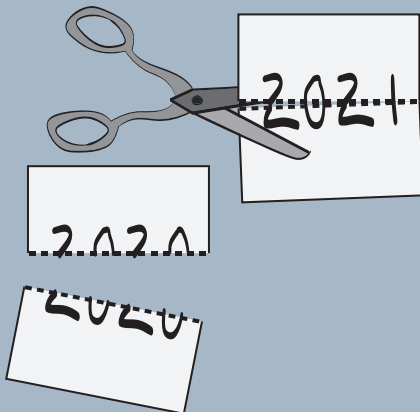
E não acabava.

...e não acabava. E seguia.





Eu peguei dois anos e cortei fora.



E isso é especialmente angustiante porque não dá pra saber quanto tempo de contato você vai ter com uma pessoa, especialmente com uma pessoa mais velha. Mesmo sem saber, é como se a gente pegasse a idade total e tirasse dois anos.

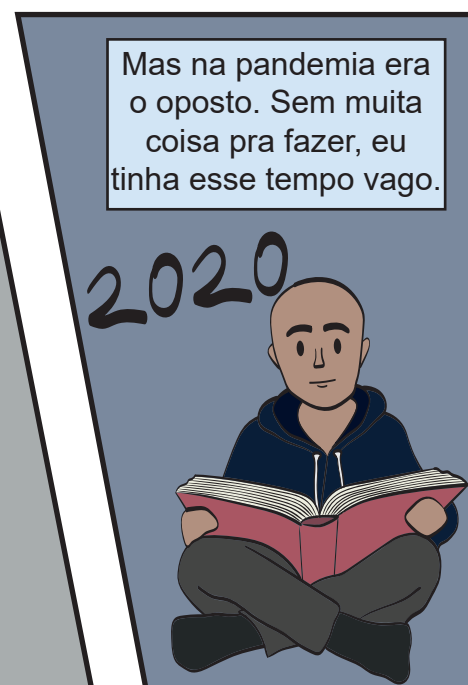
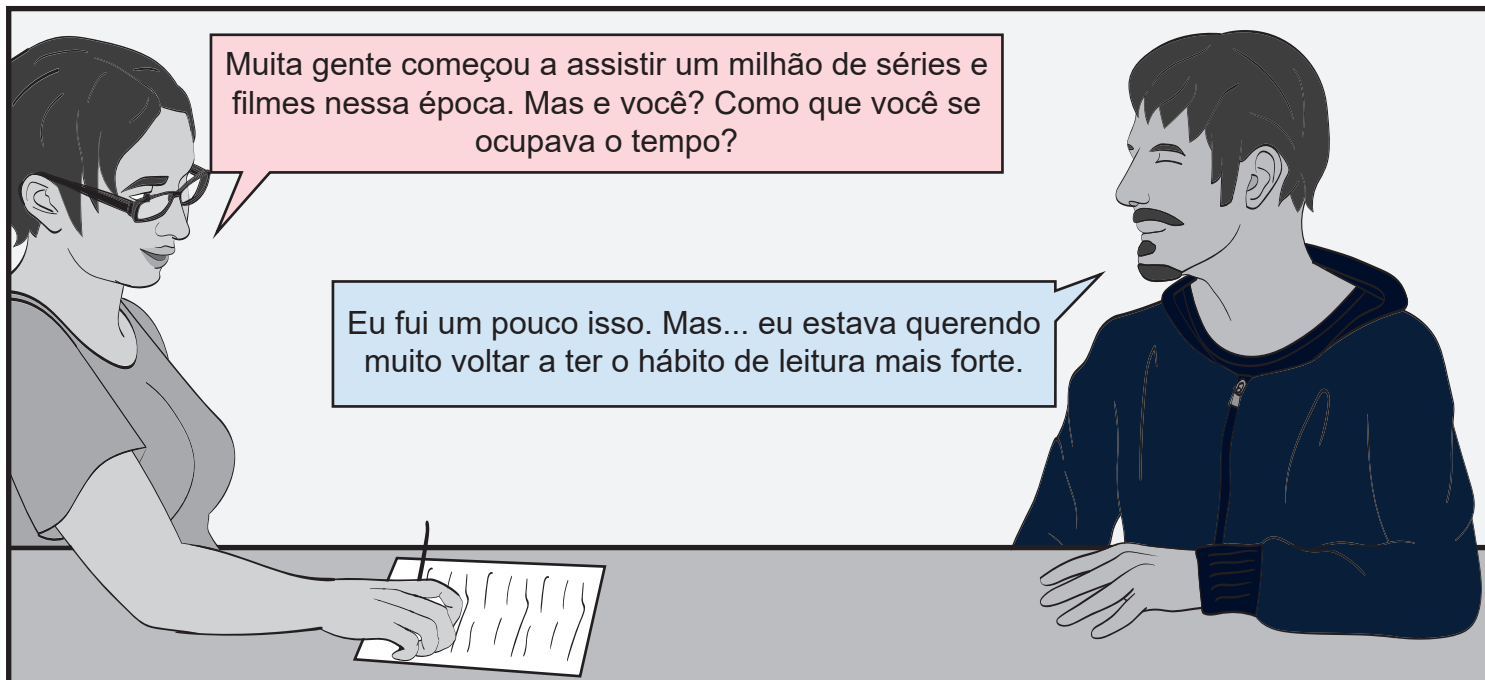
É muita coisa.

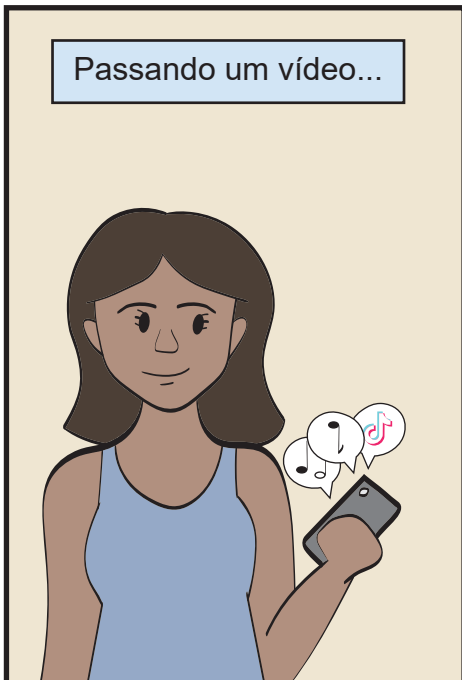
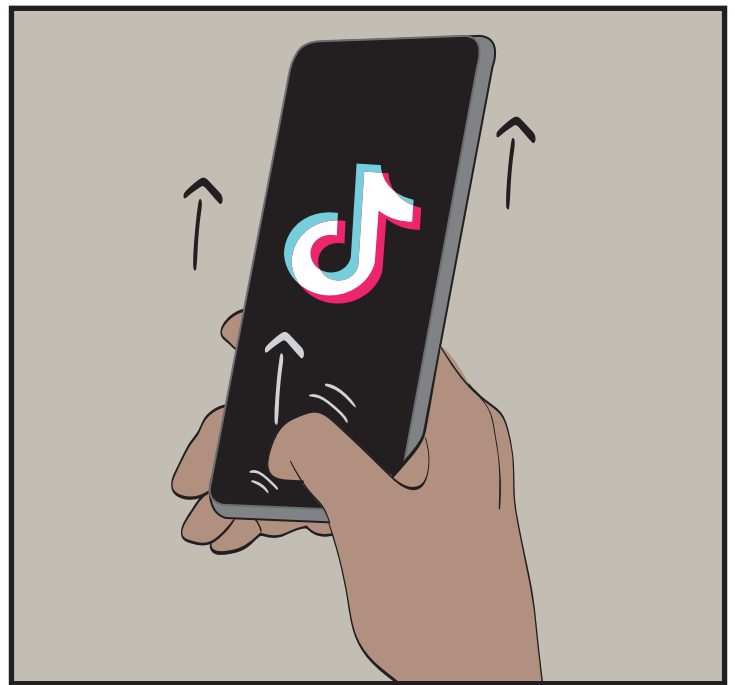
Teve algum acontecimento que marcou mais...ou não? Porque às vezes o não acontecimento é um acontecimento.

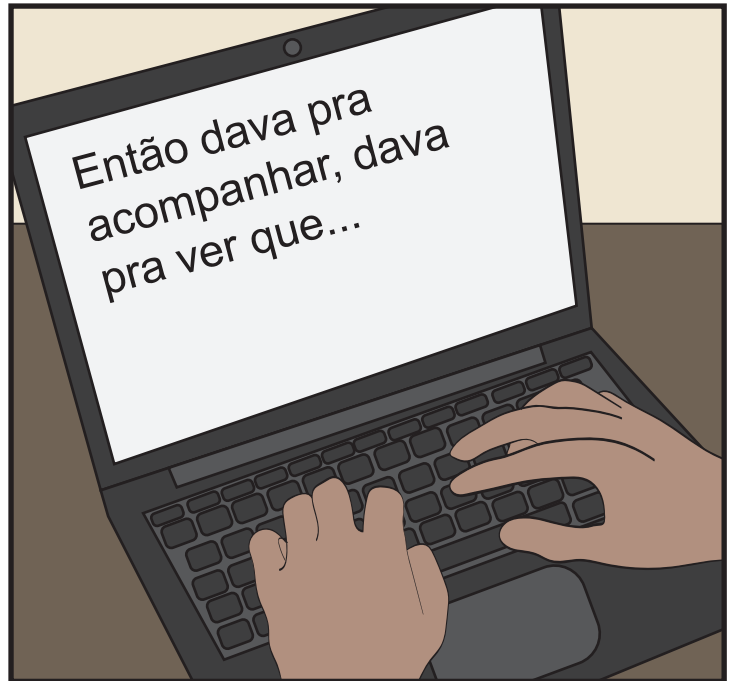
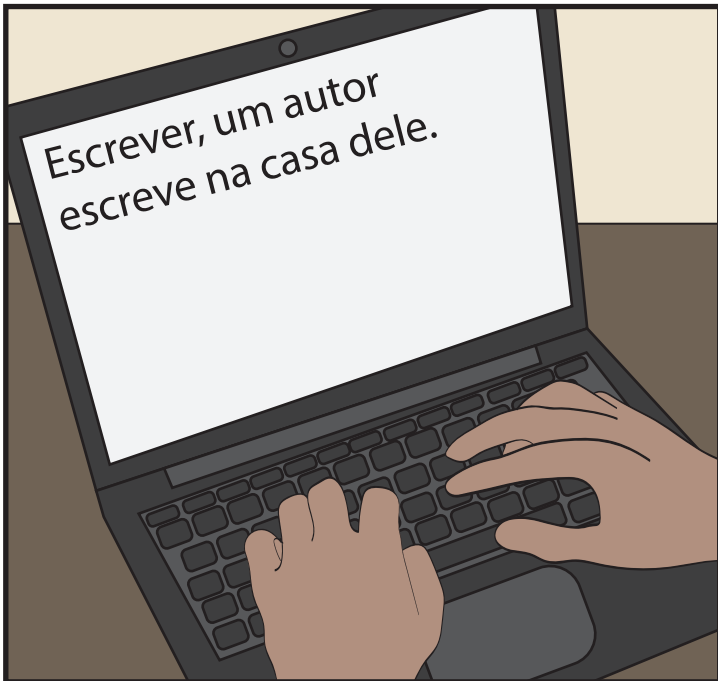
De certa forma foi isso mesmo. Nenhum dos meus parentes morreu ou pegou uma forma forte de covid.

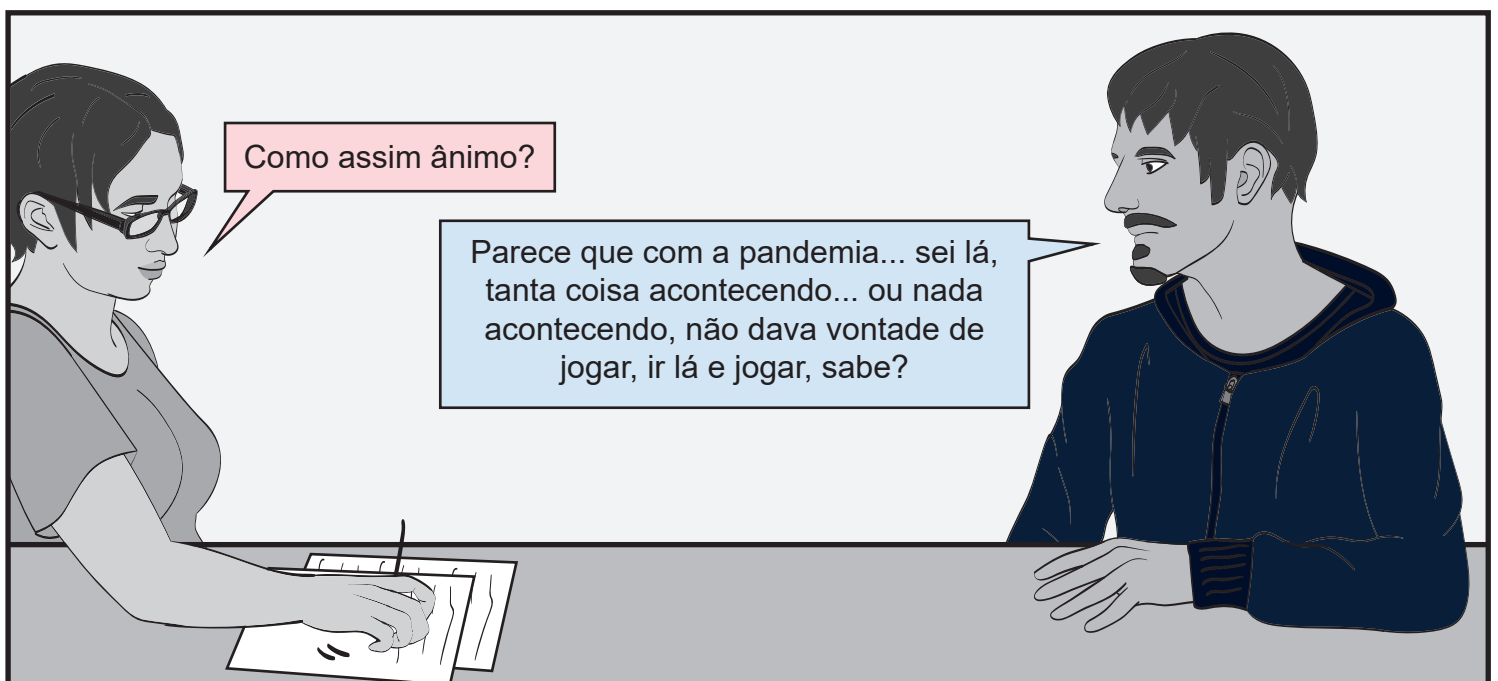
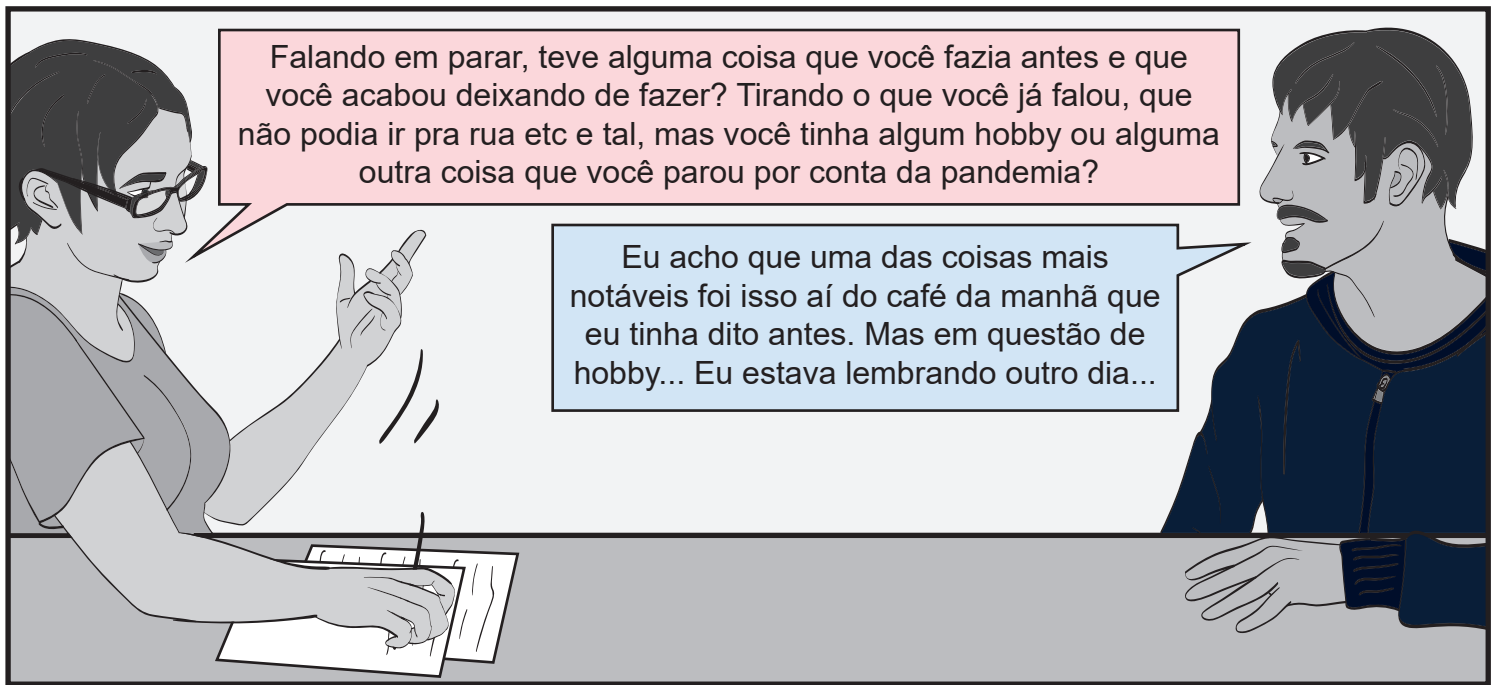
Acho que eu dei sorte nesse sentido, bastante sorte, mas...

É, eu acho que o acontecimento que foi mais marcante foi... não ter acontecido nada.

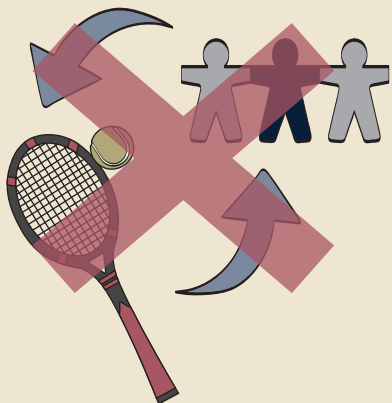




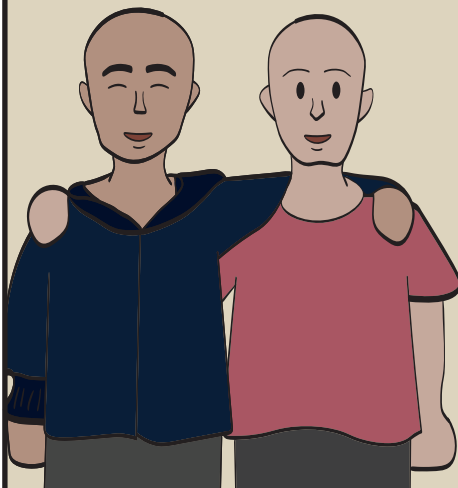




Parecia que não estava mais inserido em nenhum ciclo. Justamente porque é um esporte que você não pratica sozinho,



É uma atividade em grupo, e é impossível de ser praticada virtualmente...



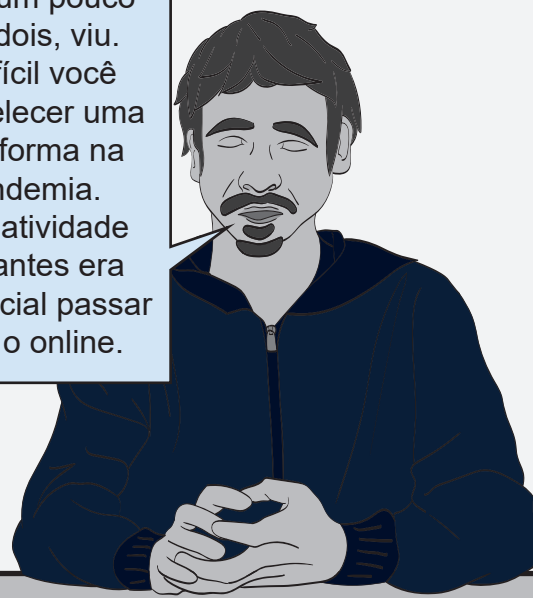
Sem o contato com o grupo, não tem esse incentivo pra ir lá e fazer.



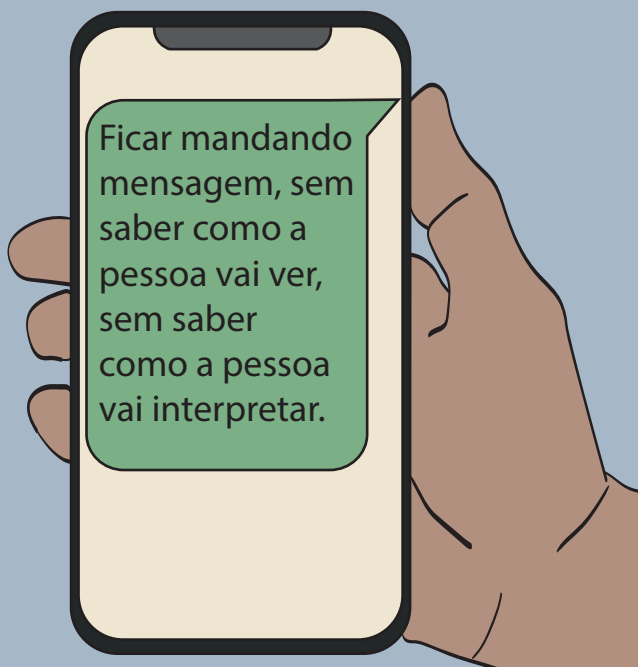
E tirando o tênis, você teve contato com outras pessoas além da sua família ou organizou alguma coisa dentro das possibilidades? Tipo, um chat online ou algo do gênero? Ou você só parou até o fim do distanciamento social?



Teve um pouco dos dois, viu. É difícil você estabelecer uma plataforma na pandemia. Uma atividade que antes era presencial passar para o online.

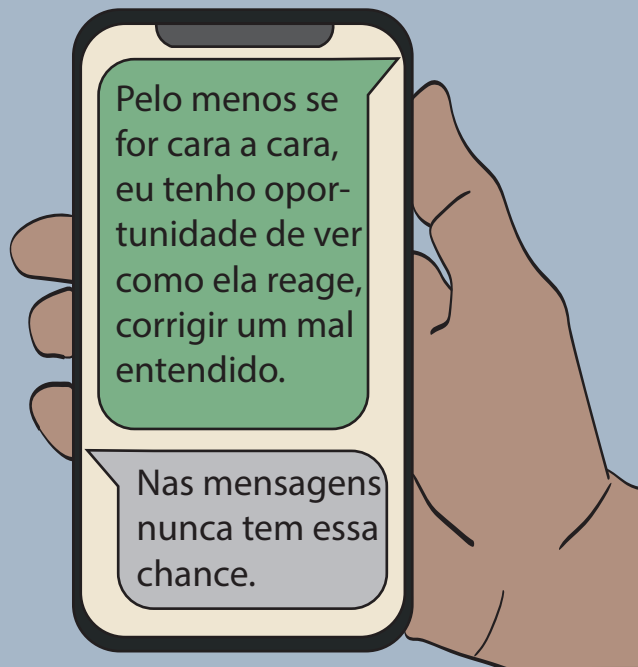


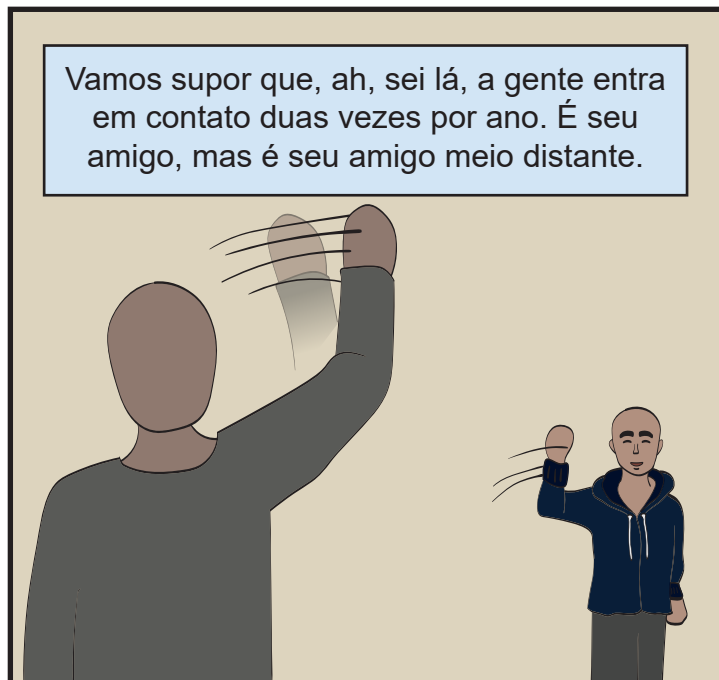
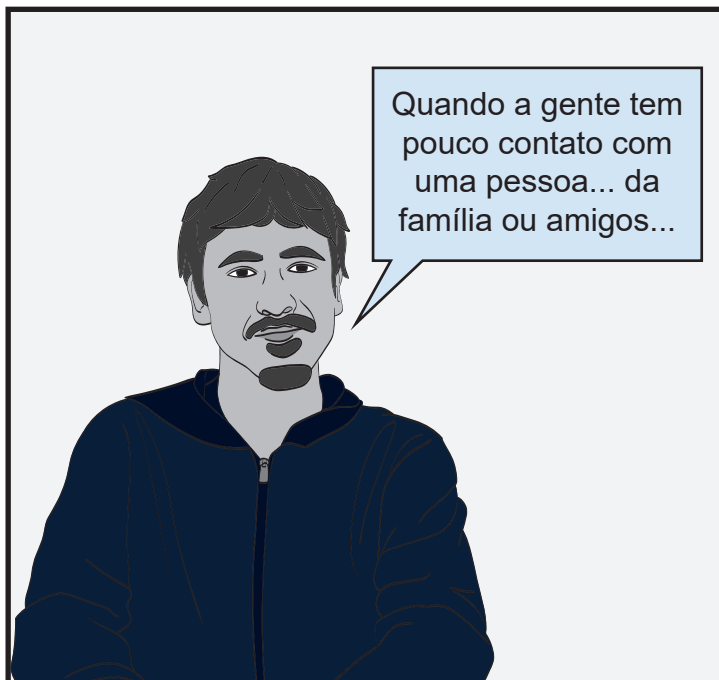
Ficar mandando mensagem, sem saber como a pessoa vai ver, sem saber como a pessoa vai interpretar.



Pelo menos se for cara a cara, eu tenho oportunidade de ver como ela reage, corrigir um mal entendido.

Nas mensagens nunca tem essa chance.

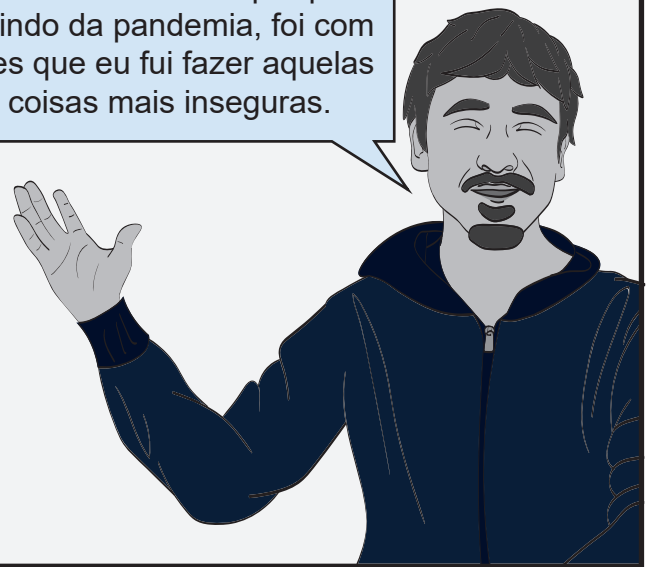




Durante a pandemia foi quando a gente mais se falou.



E isso foi até bom porque saindo da pandemia, foi com eles que eu fui fazer aquelas coisas mais inseguras.



De tipo, quando eles liberaram os parques, todo mundo foi mega de máscara.

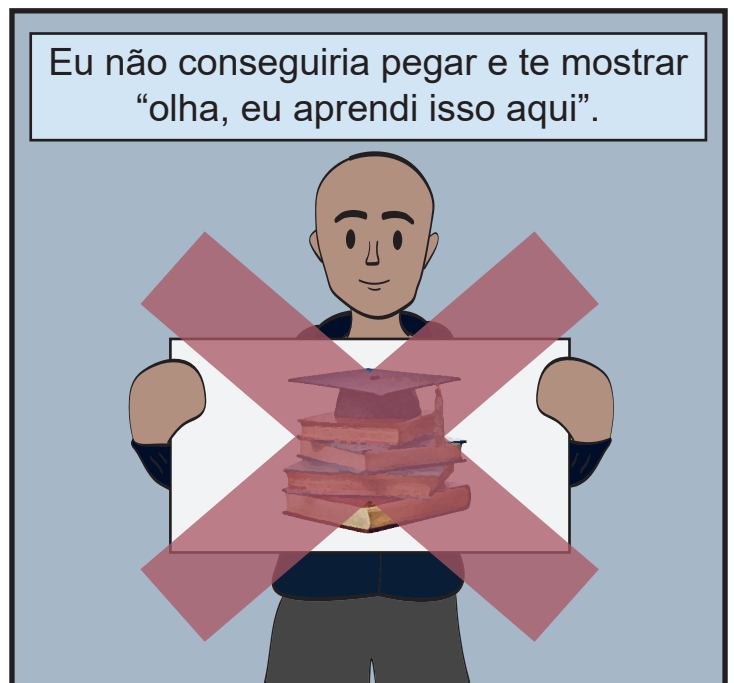


Um grupo de pessoas que eu nem conhecia todo mundo, a cara de todo mundo...

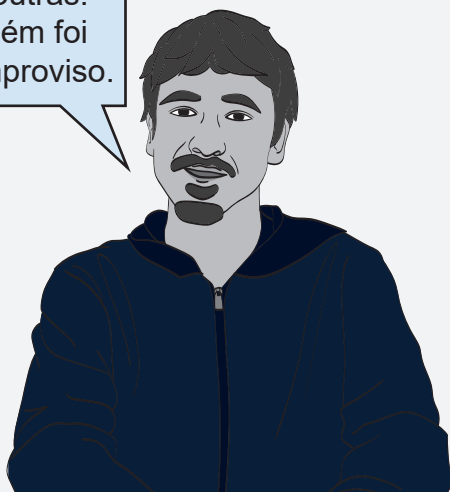


...de repente a gente se encontra no parque pra fazer alguma coisa. Passou dois anos jogando videogame, aí de repente se encontra no parque!





Acho que as matérias da pandemia foram as que mais se misturaram umas com as outras. Fora que também foi tudo muito no improviso.



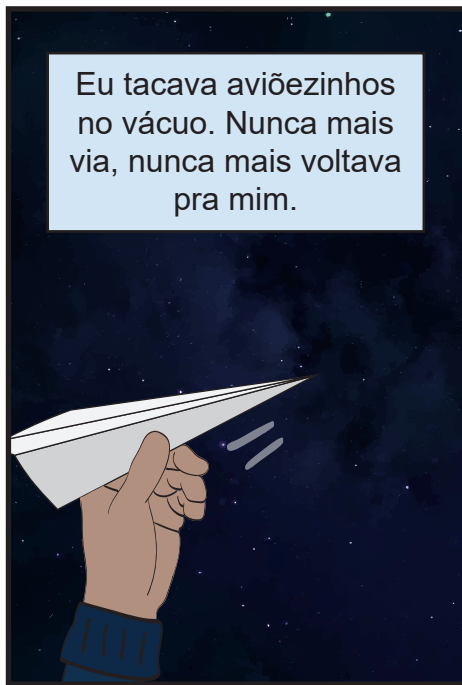
Era como...

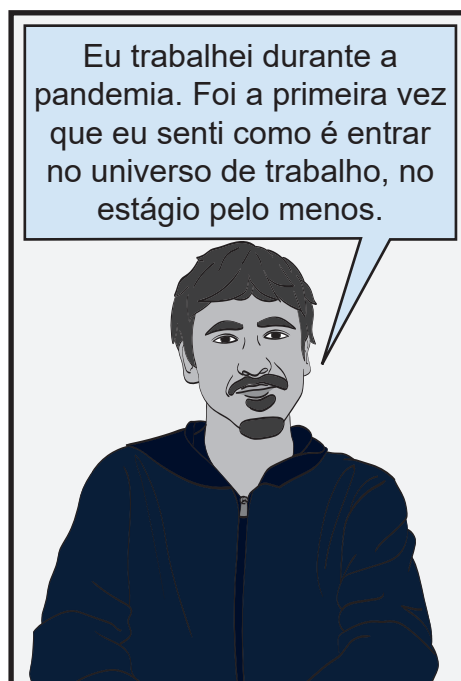


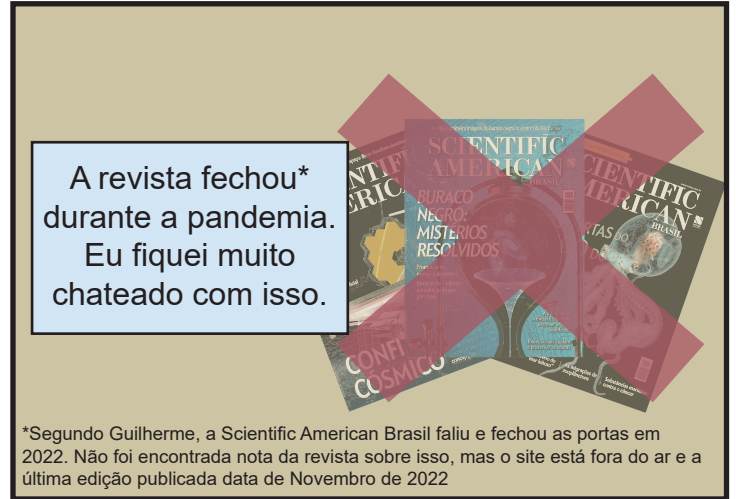
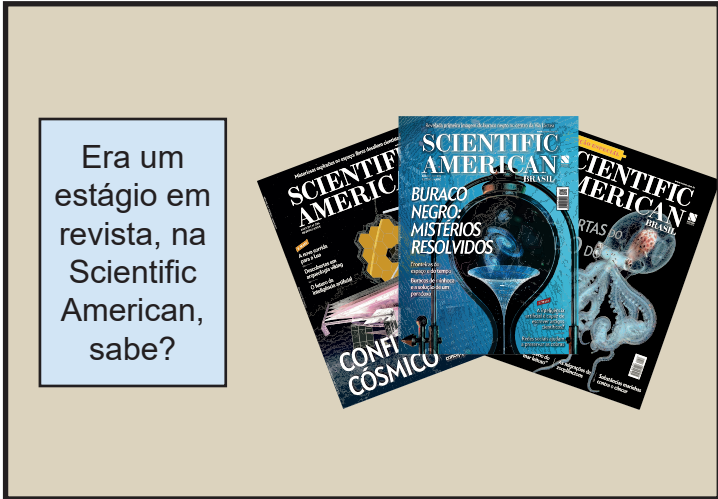
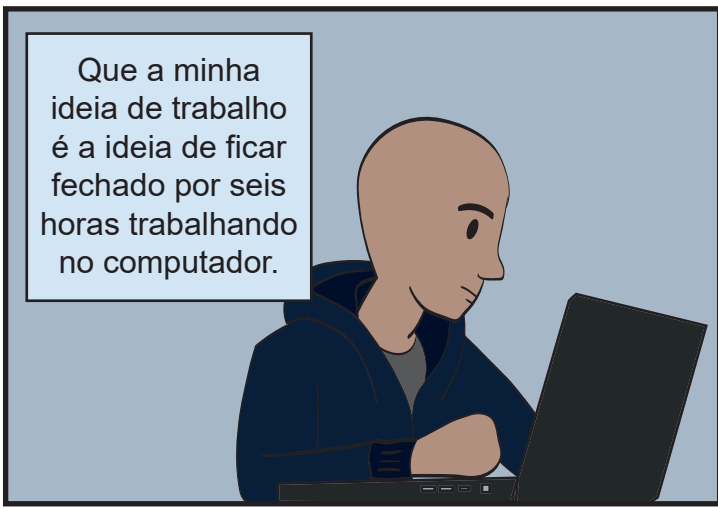
Tacar aviõezinhos no vácuo, sabe?

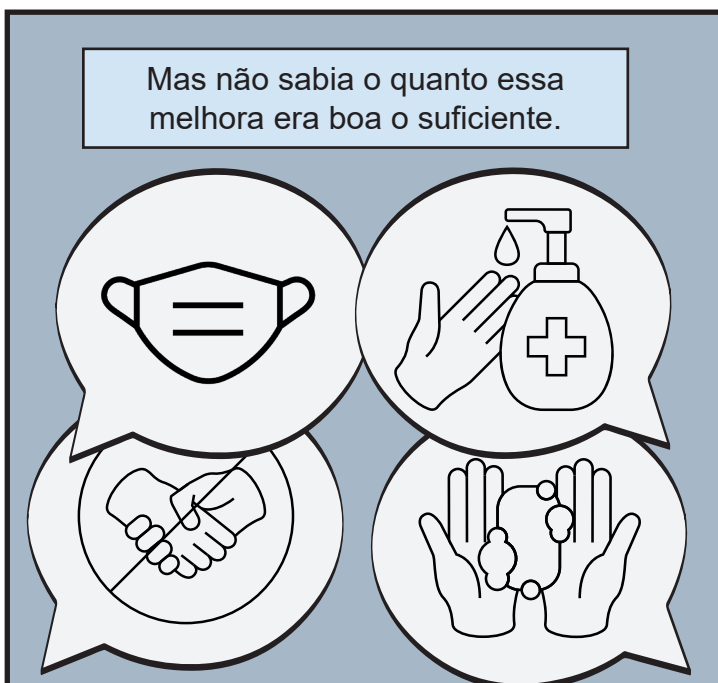
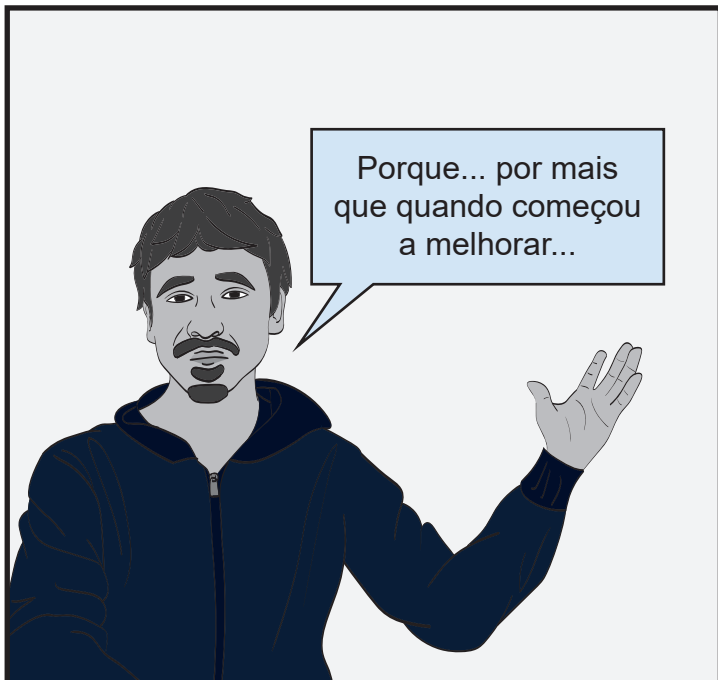


Olha aí uma metáfora visual pra você

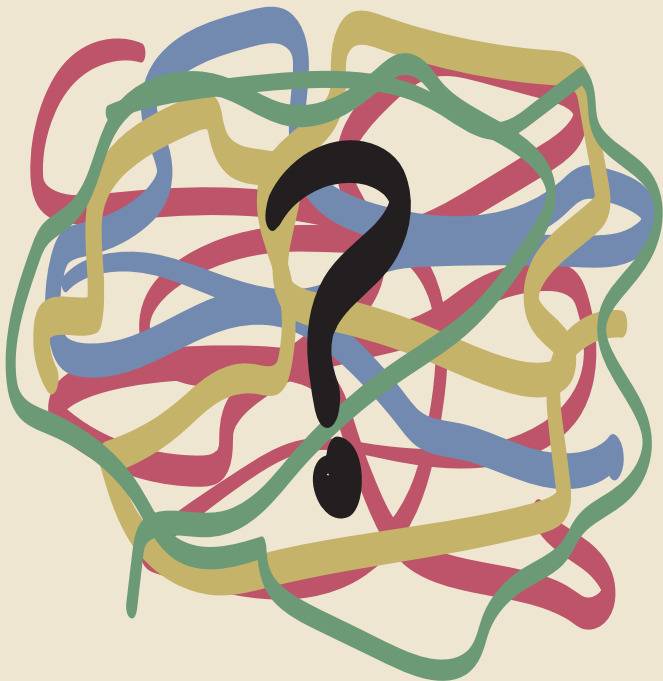








Porque era uma coisa meio indeterminada.
Se eu podia ou não fazer aquilo naquele
momento, se aquilo era ou não permitido.



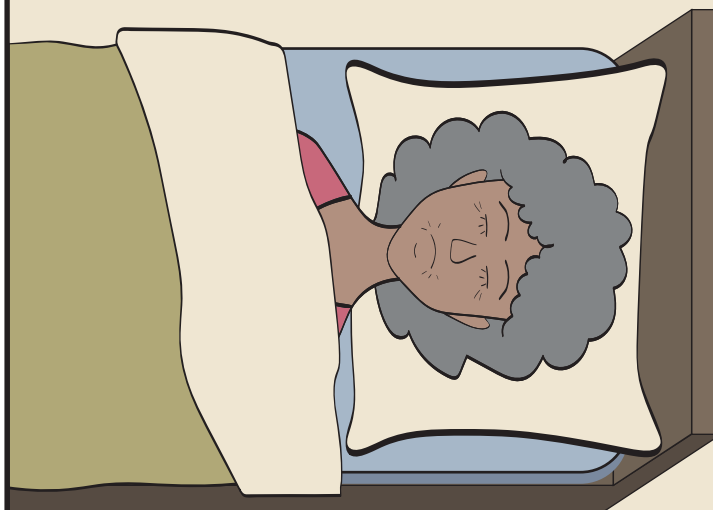
Eu tinha essa sensação de
responsabilidade com a vida
dos outros nesse momento
de voltar, sabe?



De... responsabilidade de eu não ficar
doente pra não espalhar pros outros.
Isso me dava muita ansiedade.



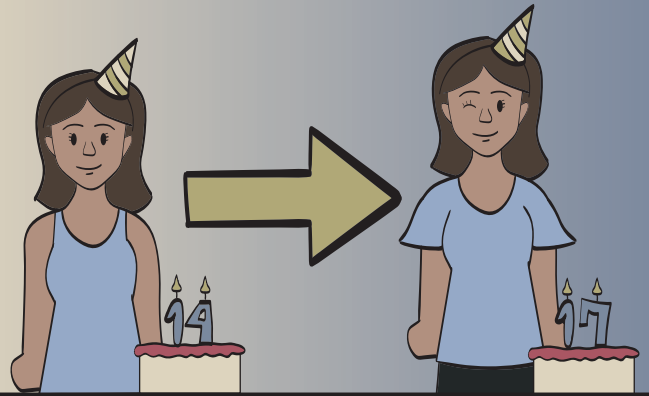
Porque eu odiaria saber
que eu transmiti um
vírus para uma pessoa
que estava em condição
de risco.



Algo que começou a ficar aparente, sabe, foi perceber o quão mais velhas as pessoas estavam ficando ao meu redor.



Que minha irmã, por exemplo, pulou de 14 pra 17 anos. Porque ela faz aniversário no início do ano.



Então se for marcar o fim da pandemia mesmo são 3 aniversários!



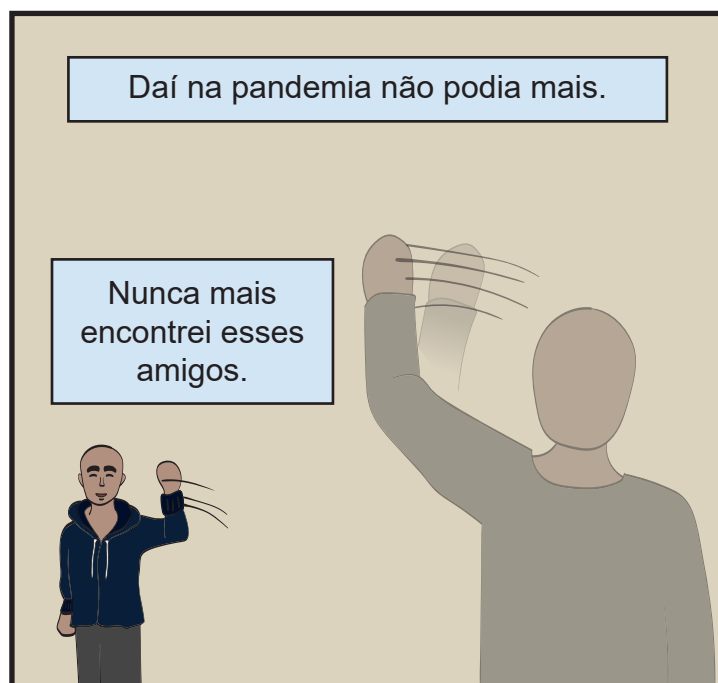
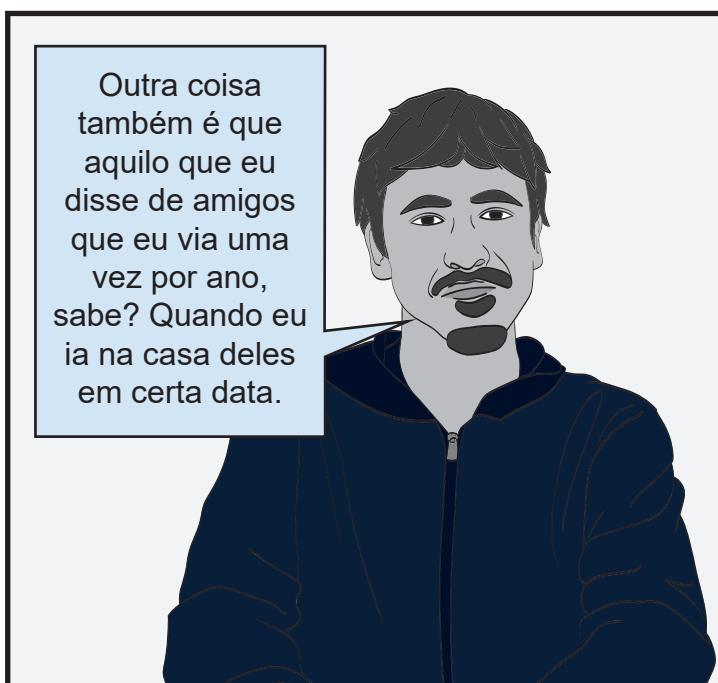
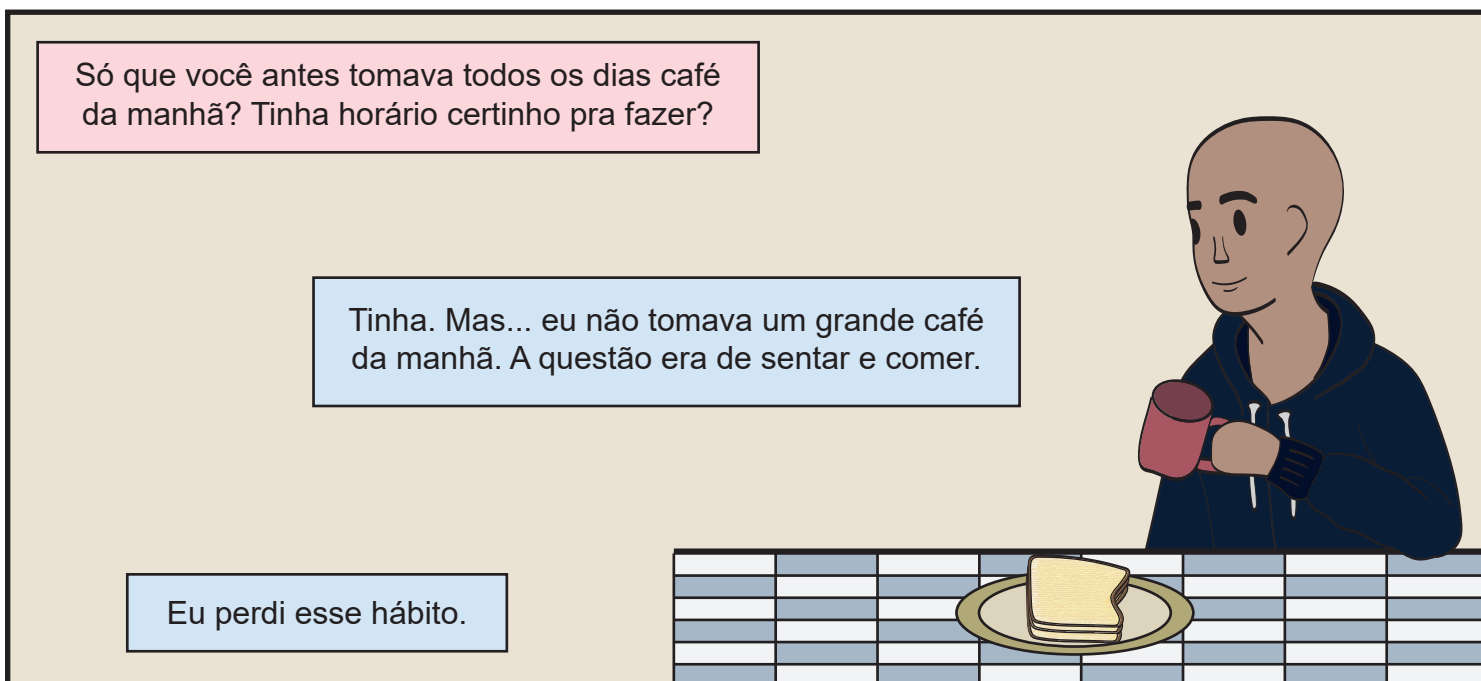
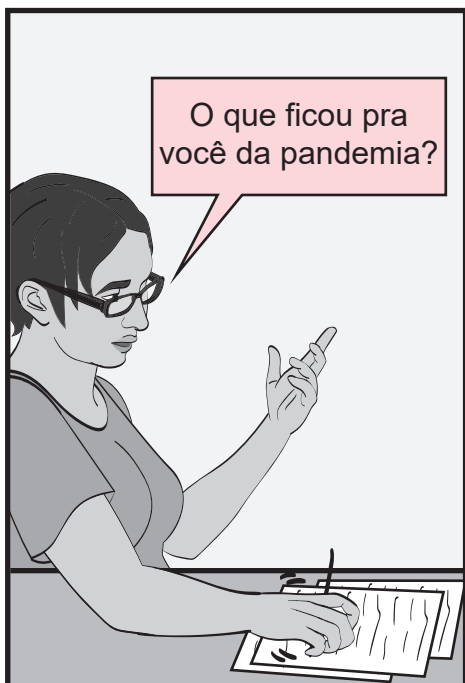
E... é um processo gradual, sabe, que no final das contas não se sabe o que aconteceu, sabe, não teve um momento...



Não teve um momento "agora acabou"?

Não, não teve. Mas olhando antes e depois... Dá pra ver.





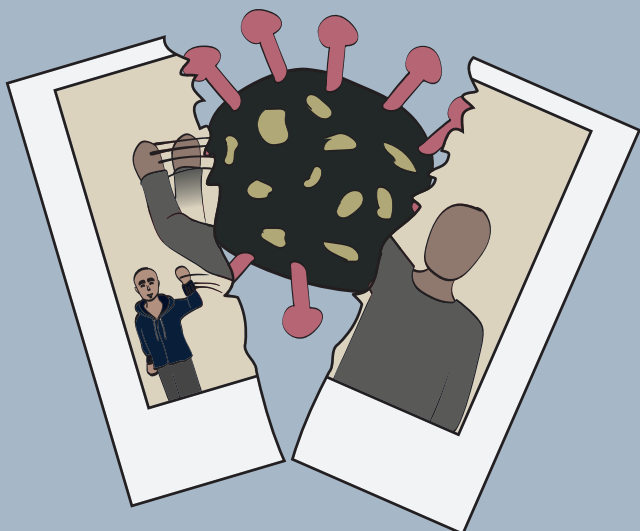
Então eu acho que isso é uma das consequências que eu estou vendo agora.



Sabe aquela proximidade que era mantida por um momento específico.



E a pandemia quebrou justamente esse momento.



Eu sei como é que é. A amizade na faculdade também por exemplo



Também... é. Eu não tava pensando nisso, mas meio que isso também.



Porque justamente... 2019 foi o ano que começou o curso.



2020 seria o ano que seria consolidado, que ia engatar de verdade.



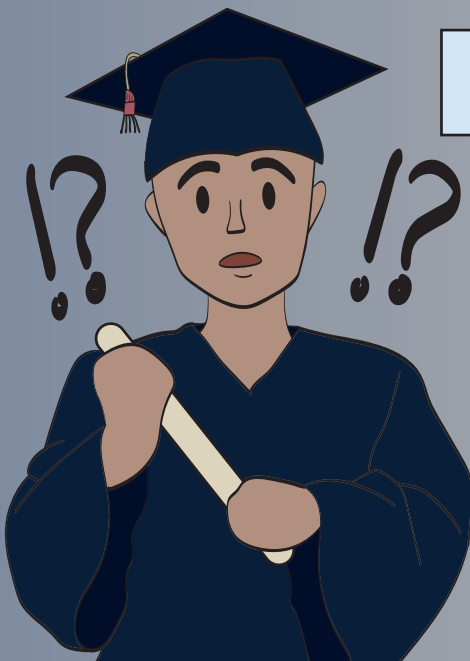
E daí veio esse negócio! Veio a pandemia.



Eu não tive essa integração direito em jornalismo. Teve um pouquinho até, mas mais no final.

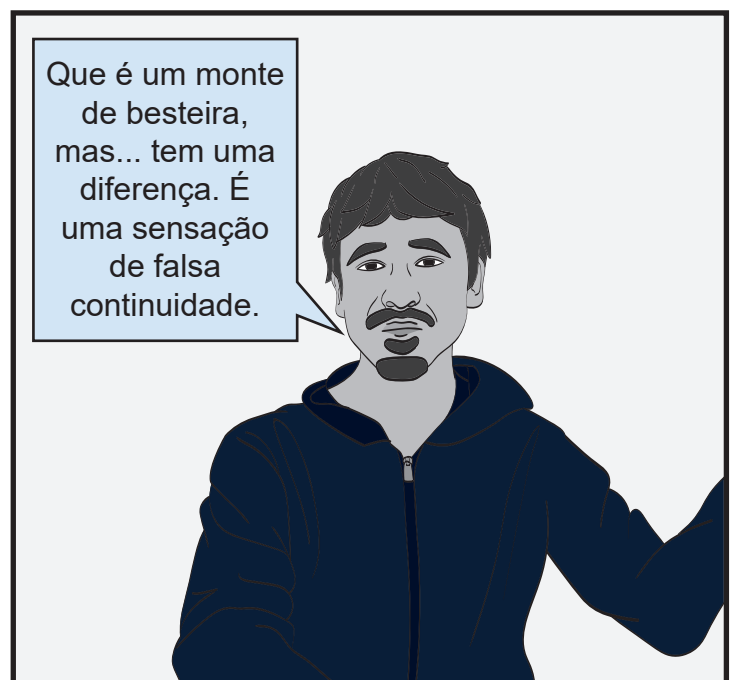
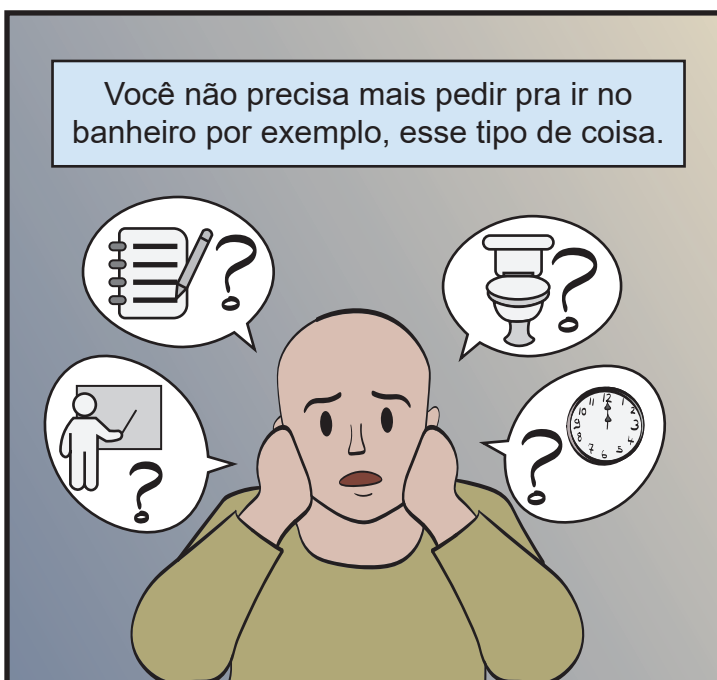
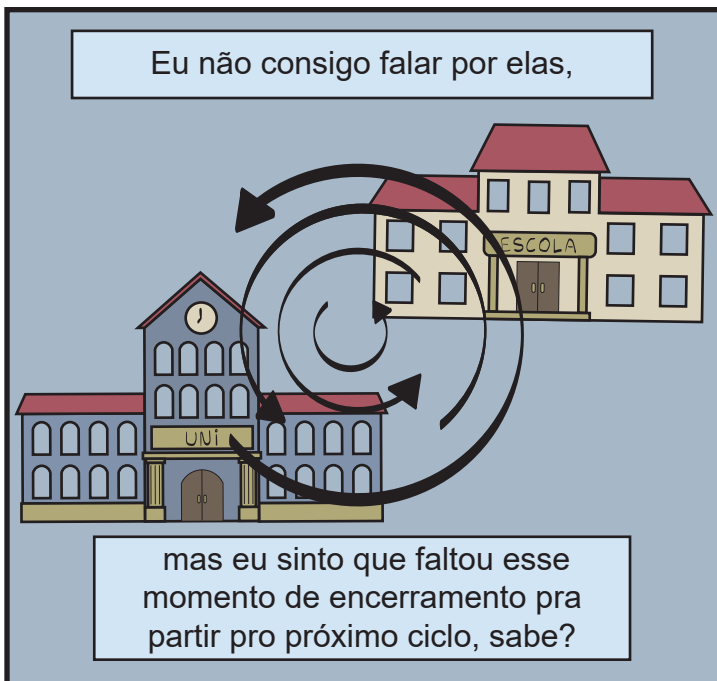
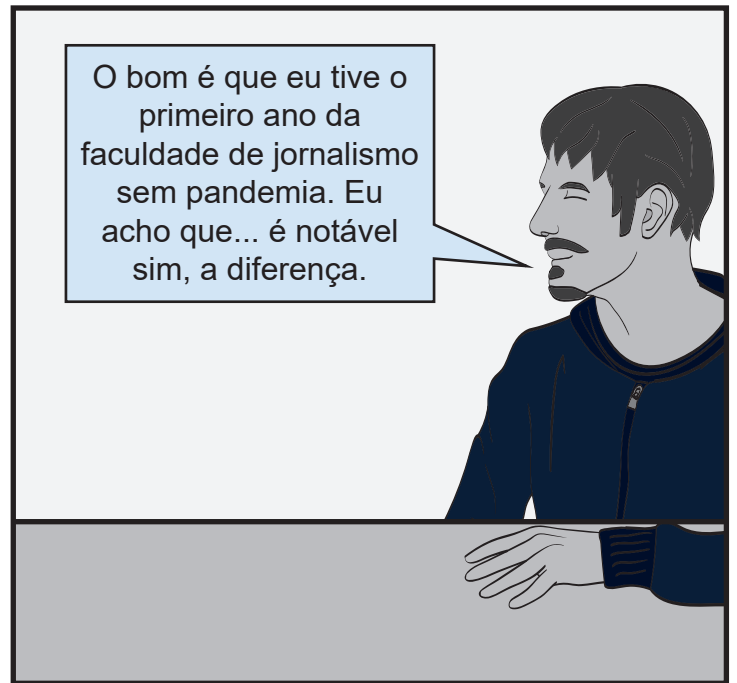
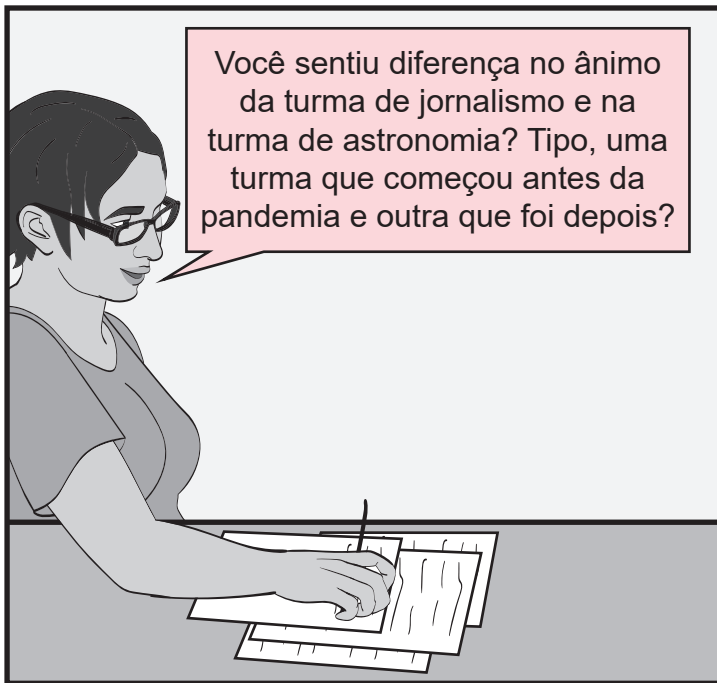


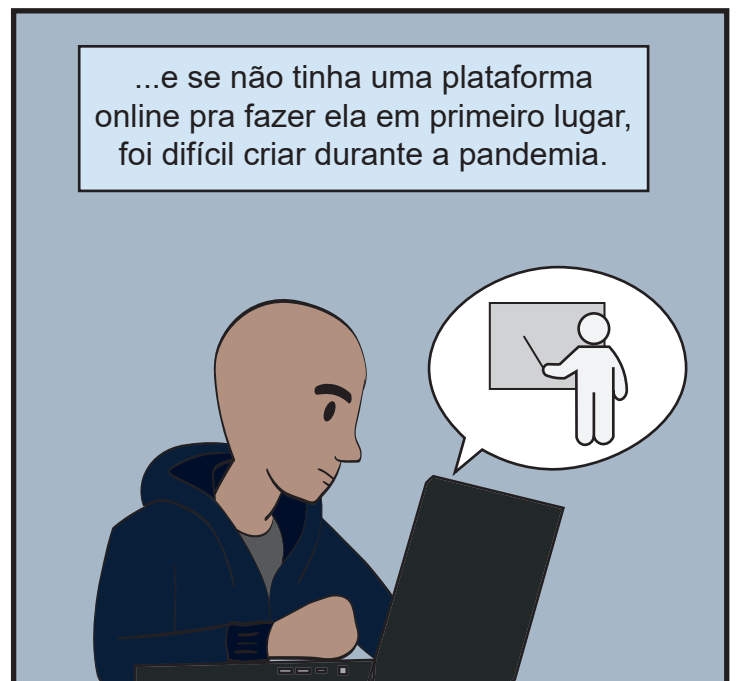
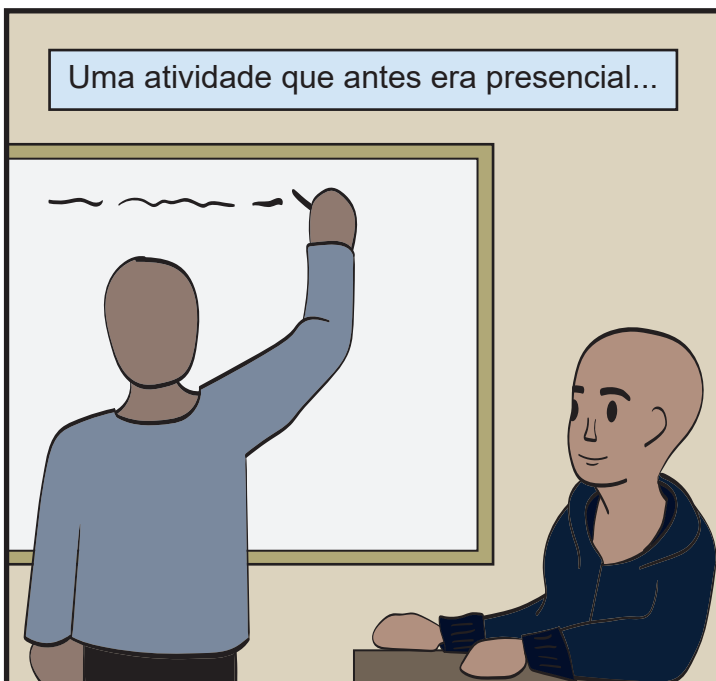
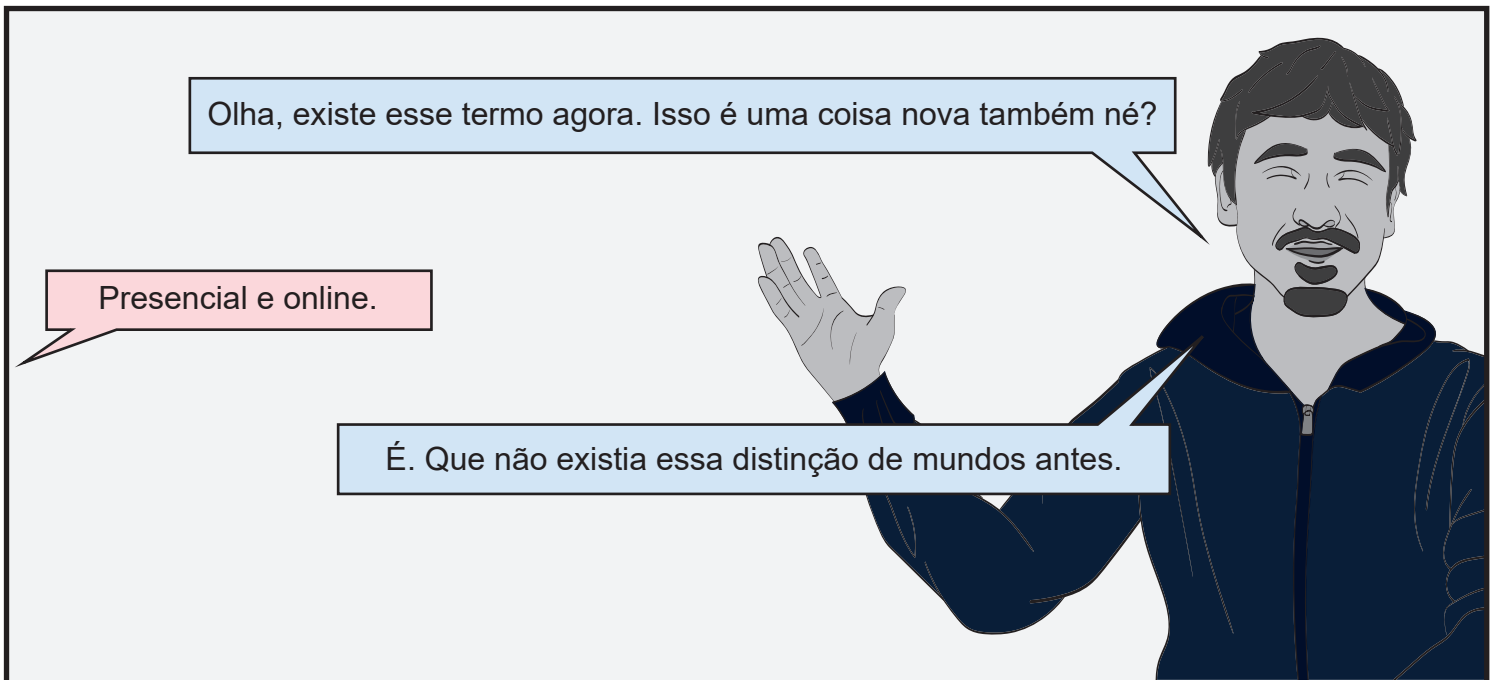
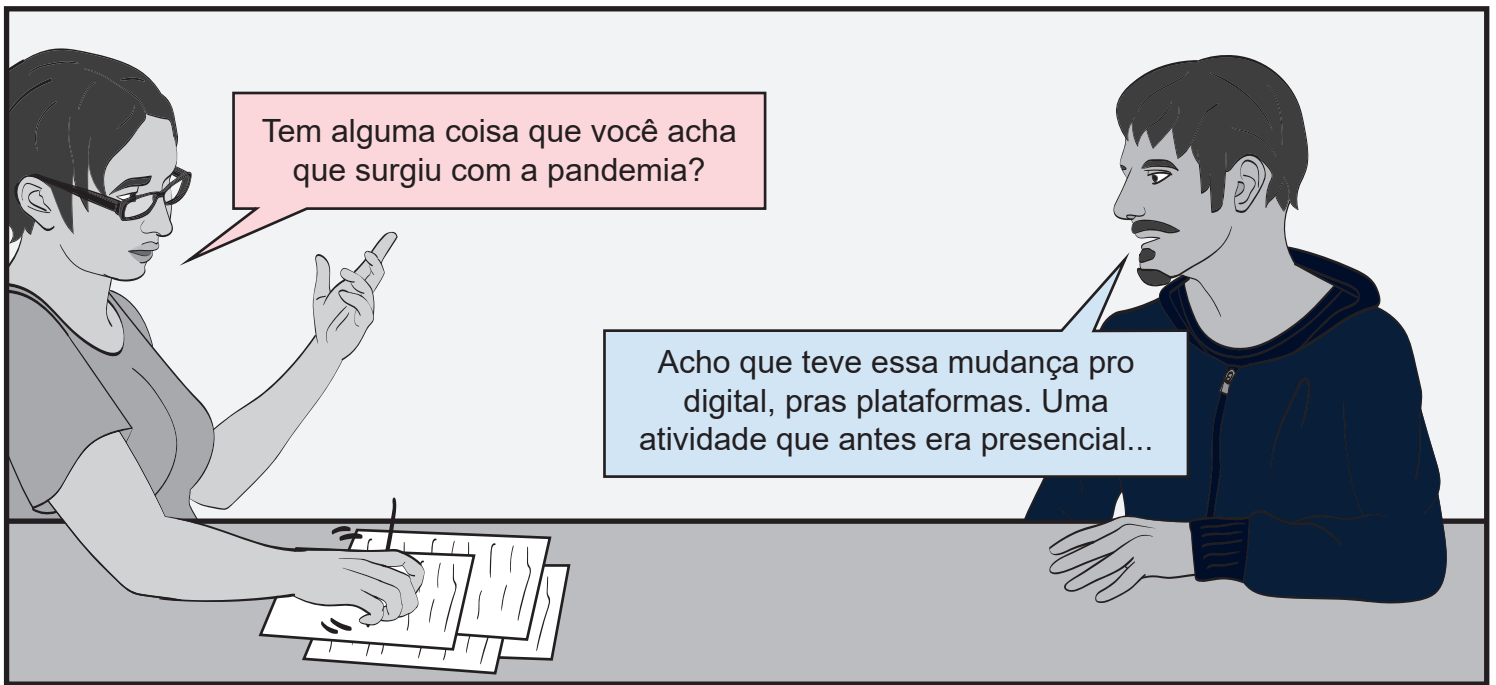
Quando de repente já estava no meu TCC, já era o final.

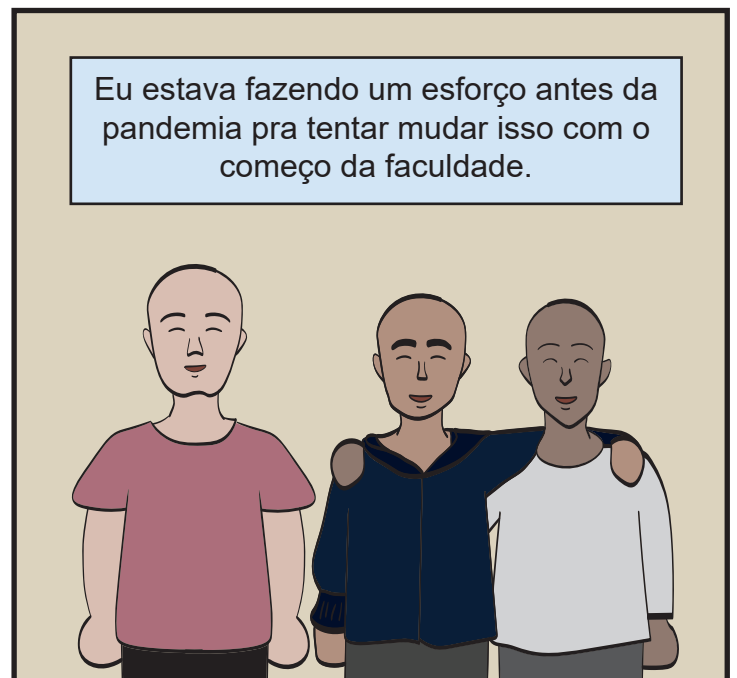
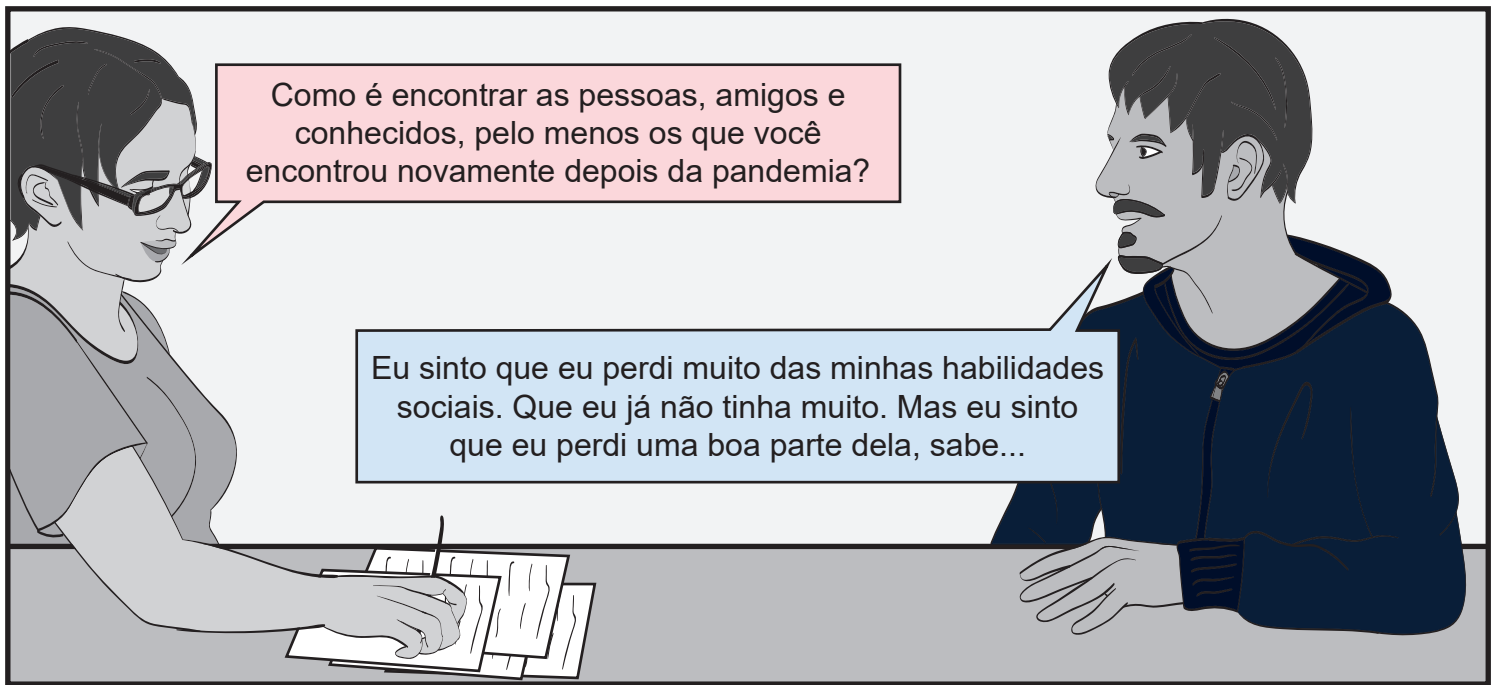


3im?

Parte da minha decisão de fazer astronomia foi pra eu poder voltar a ter essa experiência que eu não tive, né. Pra dar continuidade.



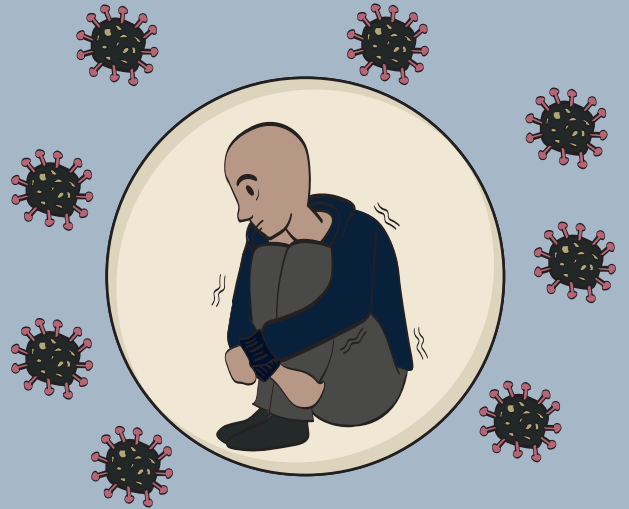




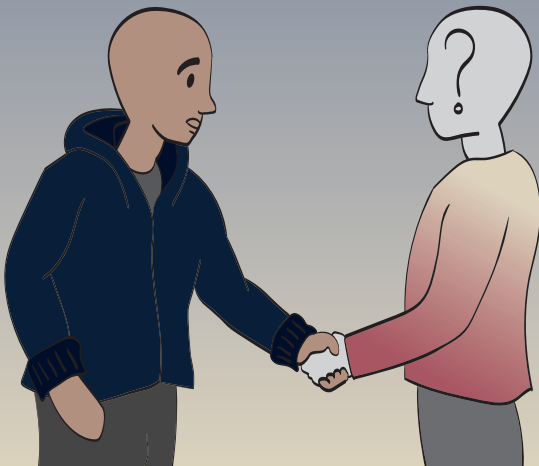
Também eu acho que, depois da pandemia, e talvez seja só minha impressão, que a sociedade no geral está mais acostumada a ter essas relações de amizade mais transitórias.



Porque... sei lá, acho que foi um choque tão grande a pandemia...



...que você não consegue ter certeza que você vai continuar falando com aquela pessoa, sabe?



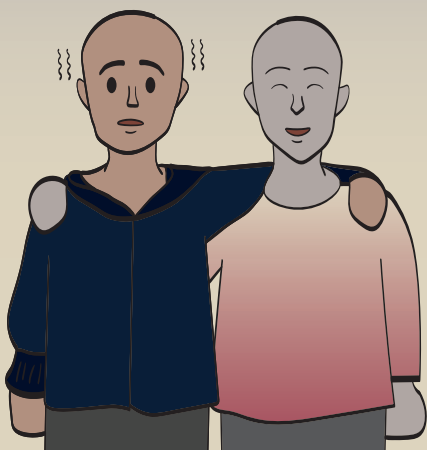
Eu acho que isso vazou um pouco pro período depois da pandemia.



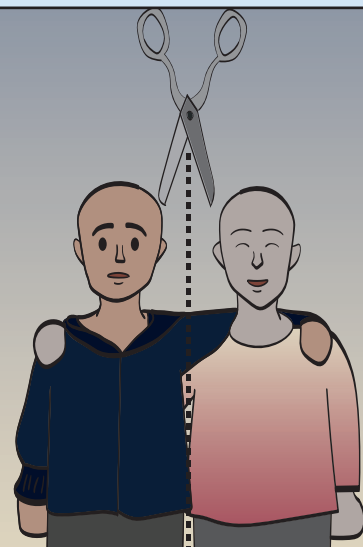
Até pra mim mesmo.

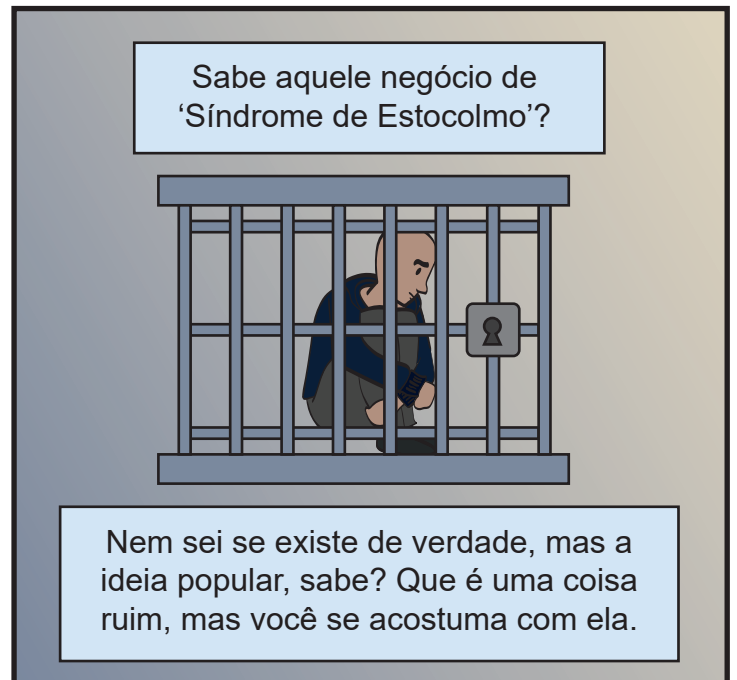
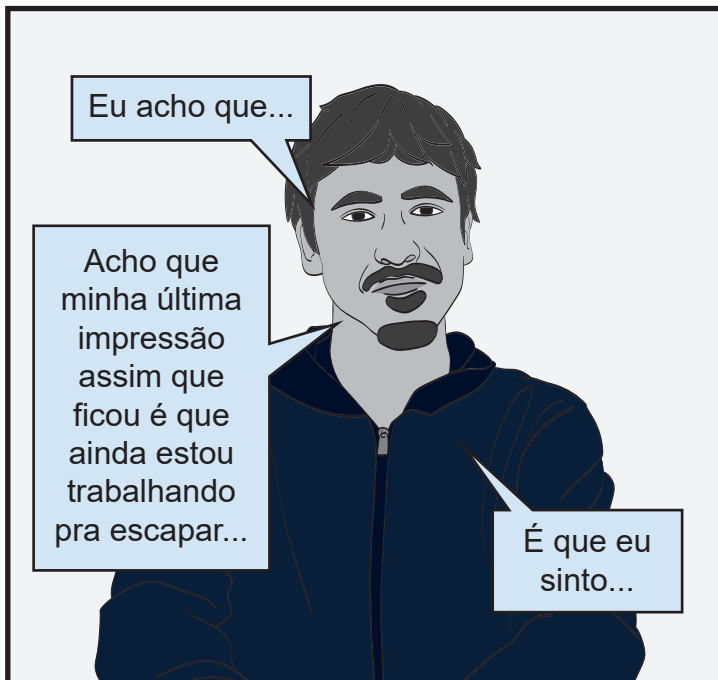
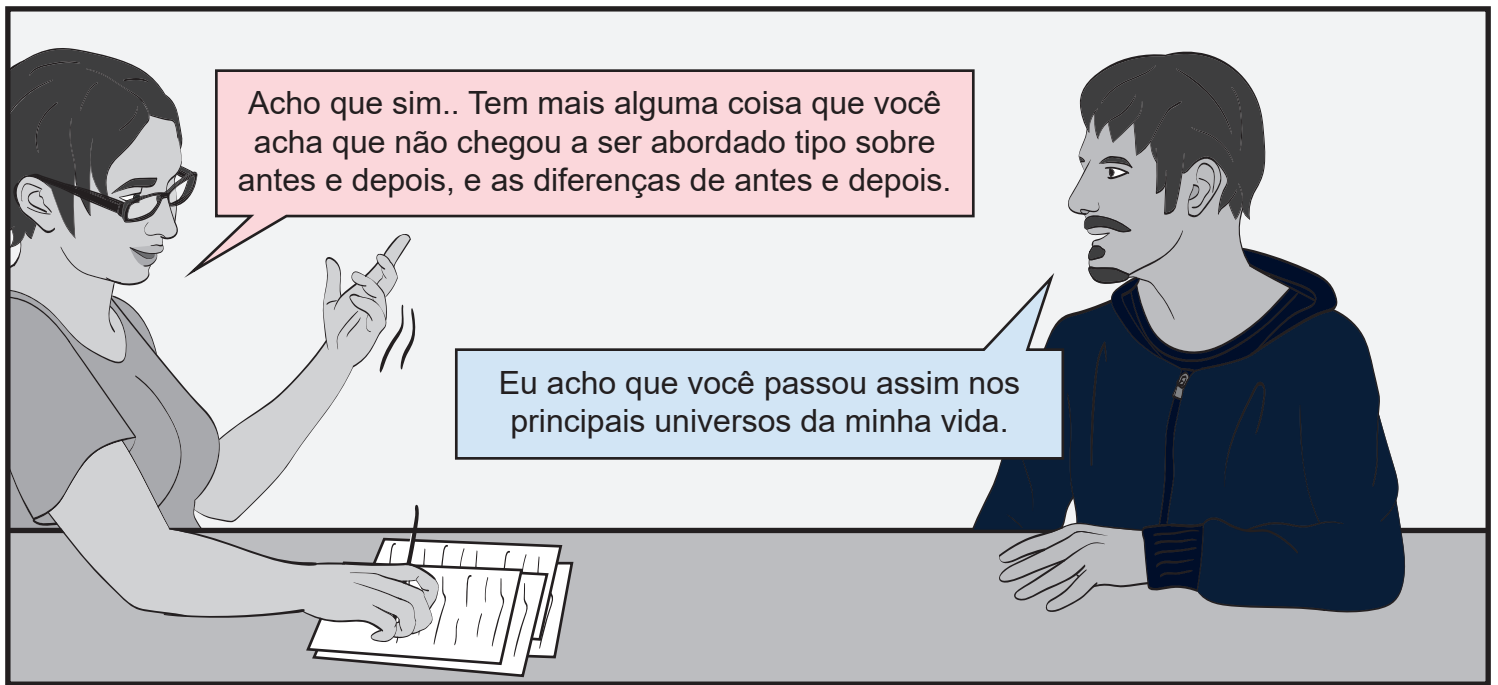
Ficou esse receio de se conectar?

Receio de se conectar.



Pra não vir e cortar de novo que nem a pandemia cortou. Faz sentido isso?







o dia que eu... Tenho mais daquela coisa que voce...



Então esta
a aquela coisa
eu acho de
volta pra la
poder o rolê
de novo



Dai pra poder
estudar a
aquela pra
poder. O que e
inter que com o
mundo de
novo



...



Tolerancia e vida real

A vida em la e vida real E isso que
é o que não tem no mundo das coisas

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Perfil dos Municípios Brasileiros: 2021. Rio de Janeiro, 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Pulso Empresa: Impacto da Covid-19 nas empresas. 2020. Acesso em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/28291-pesquisa-pulso-empresa-impacto-da-covid-19-nas-empresas.html?edicao=28292&t=destaques>

INSTITUT PUBLIC DE SONDAGE D'OPINION SECTEUR (IPSOS). One Year of Covid-19. 2021, 19 de abril.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS/OMS). Histórico da pandemia de COVID-19. Retirado de: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS/OMS). Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo. Genebra, 2022, 02 de março. Retirado de: <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS/OMS). OMS destaca necessidade urgente de transformar saúde mental e atenção. Genebra, 2022, 17 de junho. Retirado de: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2022-oms-destaca-necessidade-urgente-transformar-saude-mental-e-atencao>.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO/OMS). Mental Health and COVID-19: Early evidence of the pandemic's impact: Scientific brief. Genebra, 2022, 02 de março.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO/OMS). World mental health report. Genebra, 2022, 16 de junho.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO/OMS). Mental Health. Genebra, 2022, 17 de junho. Retirado de: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>.